



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET  
Curso de Graduação em Letras/Tradução Espanhol

REBECCA GABRYELA MORAIS LEITÃO SEREJO

*AFRODITA* E(M) TRADUÇÃO: LITERATURA, GASTRONOMIA, SIMBOLOGIA E  
EROTISMO NA OBRA DE ISABEL ALLENDE

Brasília - DF

2023

*AFRODITA* E(M) TRADUÇÃO: LITERATURA,  
GASTRONOMIA, SIMBOLOGIA E EROTISMO NA  
OBRA DE ISABEL ALLENDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção parcial do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María del Mar Páramos Cebey

Brasília-DF

2023

*AFRODITA* E(M) TRADUÇÃO: LITERATURA,  
GASTRONOMIA, SIMBOLOGIA E EROTISMO NA  
OBRA DE ISABEL ALLENDE

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e  
aprovado no Departamento de Línguas  
Estrangeiras e Tradução da Universidade de  
Brasília, como requisito à obtenção parcial do  
grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol,  
avaliado pela seguinte comissão examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María del Mar Páramos Cebey

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra María Pérez López

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucie Josephe de Lannoy

Brasília, DF  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Maria Leonarda, que, diante das dificuldades enfrentadas ao longo do nosso tempo juntas, esteve sempre presente, me incentivando a crescer.

A meus amigos Yasmin e Raul, que ao longo da graduação me apoiaram e me encorajaram e me socorreram nas intermináveis revisões. Obrigada por tantos momentos. Obrigada por sempre acreditarem que eu posso ser maior, que posso fazer mais.

A minhas tias, que me acompanharam nesse trajeto, cuidando, esperando as chegadas tarde da noite, se fazendo presentes enquanto eu escrevia. Obrigada por tanto.

À minha orientadora, Mar, que aceitou compartilhar a construção deste projeto e me auxiliou, muitas vezes pegando na mão para escrever.

## RESUMO

*Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos* é uma mistura de gastronomia e erotismo que vai além de um livro de receitas afrodisíacas, pois procura mostrar as regiões da memória sensual, onde os limites entre o amor e o apetite são considerados difusos. Essa junção de gastronomia e erotismo, encontrada em contos e receitas que mexem com o imaginário do leitor, foi a base para a construção deste trabalho, que visa a analisar os animais (terrestres e aquáticos) que aparecem na obra, seja nos contos, seja nas receitas; assim como o processo tradutório para a língua portuguesa do Brasil. Também se objetivou estudar a presença do erotismo no universo feminino da obra e de que forma as categorias estudadas foram contempladas na tradução ao português. Para tal fim, contamos com o apoio teórico de Basso (2004) e Freitas (2022), entre outros.

**Palavras-chave:** Afrodite. Gastronomia. Erotismo feminino. Animais eróticos. Boto.

## RESUMEN

*Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos* es una mezcla de gastronomía y erotismo que va más allá de un mero libro de recetas afrodisíacas, ya que intenta mostrar aquellas regiones de la memoria sensual en las que los límites entre el amor y el apetito se consideran difusos. Esta unión de gastronomía y erotismo, encontrada en cuentos y recetas que estimulan el imaginario de los lectores, sirvió de base a la construcción de este trabajo, que pretende analizar los animales (terrestres y acuáticos) que aparecen en la obra, ya sea en los cuentos o en las recetas, así como el proceso de traducción a la lengua portuguesa de Brasil. También se tuvo como objetivo estudiar la presencia del erotismo en el universo femenino de la obra y analizar de qué manera se ven contempladas las categorías estudiadas en la traducción al portugués. A ese fin, contamos con el apoyo teórico de Basso (2004) y Freitas (2022), entre otros.

**Palabras clave:** Afrodita. Gastronomía. Erotismo femenino. Animales eróticos. Delfín rosado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Nascimento de Afrodite por Botticelli

Figura 2: Lenda do boto cor-de-rosa

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - O pênis e a “superioridade” masculina

Tabela 2 - Atividades domésticas

Tabela 3 - Cozinhar e o ponto G

Tabela 4 - Harém

Tabela 5 - O carpaccio

Tabela 6 - A força das genitálias

Tabela 7 - *Fugu*

Tabela 8 - *La bouillabaisse* ou *el caldillo de congro*

Tabela 9 - A rainha dos afrodisíacos

Tabela 10 - *Los delfines*: Golfinho ou boto?

Tabela 11 - *Los delfines*, quando afrodisíacos?

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO.....  | 7  |
| 1. CAPÍTULO I: <i>AFRODITA</i> , DE ISABEL ALLENDE. LITERATURA E/OU GASTRONOMIA? ..... | 9  |
| 1.1 Breve introdução à autora e à obra.....  | 9  |
| 1.2 <i>Afrodita: Cuentos, recetas y otros afrodisiacos</i> .....                       | 12 |
| 1.3 Isabel Allende, Afrodite, luxúria e gula: erotismo e(m) feminino. ....             | 14 |
| 1.4 Recepção de Afrodite .....   | 18 |
| 2. CAPÍTULO 2: O EROTISMO ANIMAL EM <i>AFRODITA</i> .....                              | 20 |
| 2.1 Afrodite, uma deusa .....  | 20 |
| 2.2 Alguns símbolos eróticos: os animais.....  | 26 |
| 2.2.1 Os animais como símbolos eróticos em <i>Afrodita</i> .....                       | 27 |
| 2.2.2 O erotismo dos animais aquáticos em <i>Afrodita</i> .....                        | 32 |
| 3. CAPÍTULO 3: <i>AFRODITA</i> : O EROTISMO DOS ANIMAIS AQUÁTICOS E(M) TRADUÇÃO .....  | 32 |
| 3.1 O feminismo em <i>Afrodita</i> e Afrodite .....                                    | 33 |
| 3.2 Animais .....  | 36 |
| 3.3 Animais aquáticos .....  | 37 |
| 3.4 E se a obra pertencesse à cultura brasileira? .....                                | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 41 |
| REFERÊNCIAS.....   | 42 |



## INTRODUÇÃO

*Me arrepiento de las dietas, de los platos deliciosos rechazados por vanidad, tanto como lamento las ocasiones de hacer amor que he dejado pasar por ocuparme de tareas pendientes o por virtud puritana. (Allende, 2016).*

Interligados à humanidade desde sua criação, a comida e o sexo estão associados desde o Paraíso: a maçã foi um forte elo entre o homem e a mulher, a mulher e a serpente, a sabedoria e a ignorância, o fascínio e a desilusão, perpetuando-a como símbolo de tentação. Sempre em busca de substâncias mágicas que aumentarem a libido e a fertilidade, o homem recorre a truques, plantas medicinais, remédios, amuletos e também, precisamente, a alimento.

A literatura e a gastronomia são os mais simples e poderosos dos afrodisíacos, cada cultura com seus pontos fortes e suas versões desses campos. O alimento nunca foi apenas uma fonte de nutrição ao corpo, pois fortalece também a alma. Momentos de alegria e prazer, assim como de tristeza, geralmente estão marcados, mesmo que em plano secundário, por uma boa comida. Na Idade da Pedra, a caçada e o colocar “comida na mesa” eram os pontos altos de excitação. É à mesa que começam muitos romances (Barnabé, 2019), para uma noite romântica – um jantar à luz de velas – ou para uma noite mais quente – com um prato de ostras –, em um campo como a literatura, que alimenta a imaginação, ensina novos métodos, aprimorando e trazendo novas possibilidades.

E dentro desse mundo excitante, os animais desempenham um importante papel, seja na gastronomia, como fonte de proteína de uma boa refeição ou como amuleto da ‘sorte’ ou da virilidade; seja na literatura, como o ponto auge de sedução. Destaque na cultura folclórica de muitos povos, que têm o poder de contar histórias e transmitir ensinamentos de maneira lúdica por gerações, transmite sua mensagem através das simbologias que representam: proteção, castigo, sentença, sedução... Nelas, os animais são uma fonte variável de pontos de prazer.

A sedução fica a cargo da imaginação do leitor, em que poderes mágicos são atribuídos a certos animais e suas partes, extrapolando o limite de apenas alimento. Amuletos (rabo de coelho, chifre de rinoceronte, dente de leão, testículos de boi) criados através do desmembramento do bicho são usados pelos humanos para atrair um parceiro, mas eles também são vistos como sedutores, sendo os responsáveis por atrair parceiros humanos para si mesmo.

O romance *Afrodita*, da escritora chilena Isabel Allende, obra escolhida como objeto deste trabalho de conclusão de curso, aborda todas essas vertentes do poder afrodisíaco animal. Traz dos variados usos da ostra até a sedução no conto do *pez frío* de lady Onogoro, em que os animais aquáticos, sobre todos, carregam em si um poder mais excitante que acreditamos ser pelos mistérios das profundezas das águas. Assim, para nortear esta pesquisa, foram escolhidos como destaque os poderes afrodisíacos dos animais.

E, buscando uma literatura feminina, um tema ainda muito tabu para uma sociedade tão patriarcal, foi proposto, além de trazer mais visibilidade à escrita feminina e latino-americana e ao nosso folclore, fazer uma análise e reflexão do processo tradutório de alguns fragmentos dentro do tema abordado: o poder afrodisíaco dos animais do fundo das águas e o feminismo da obra.

Como apoio teórico para as análises efetuadas, utilizaram-se Nohemy Pacheco (2009) para temas relativos ao feminino e a comida, Cascudo (1954) e Souto (2020) para questões envolvendo o folclore do boto cor-de-rosa, e Freitas (2022) para questões pertinentes ao feminismo e o erotismo, e os marcadores culturais na tradução.

Assim, este trabalho está estruturado e dividido em três capítulos. O primeiro capítulo é uma breve introdução sobre a autora, obra, recepção crítica, o feminino e feminismo dentro do mundo da literatura erótica e a repercussão da tradução do romance analisado no Brasil. O segundo capítulo conta com a construção do erotismo, o nascimento e os feitos de Afrodite, discorre sobre os afrodisíacos, sua origem e seu poder sobre o homem, e, finalmente, os animais afrodisíacos, os animais aquáticos afrodisíacos no Brasil e na obra. O último capítulo aplica a metodologia para a realização das análises da tradução aos elementos culturais selecionados.

## CAPÍTULO I: *AFRODITA*, DE ISABEL ALLENDE. LITERATURA E/OU GASTRONOMIA?

### 1.1. Breve introdução à autora e à obra

*Afrodita: cuentos, recetas y otros afrodisíacos* é uma das principais obras da peruana, nacionalizada chilena, Isabel Allende Llona. Isabel nasceu na cidade peruana de Lima em 1942, mas, após o divórcio dos pais, mudou-se ainda criança para o Chile, país que lhe daria a nacionalidade. Com o segundo casamento de sua mãe com o diplomata do Chile, Ramón Huidobro, Isabel passou sua infância na Argentina, onde o padrasto era embaixador, cargo dado por Salvador Allende, tio de Isabel, então presidente do Chile. Retornou anos depois e trabalhou junto à ONU em Santiago.

Formada em jornalismo, foi apresentadora de um programa local humorístico e, também, escreveu para a primeira revista feminina chilena, que falava sobre tabus como o aborto, a infidelidade, a prostituição e as drogas. Vinda de uma família muito conservadora, a autora fala sobre a reação do avô materno, Agustín Llona Cuevas, sobre sua atuação profissional: “Meu avô ficou totalmente horrorizado. Ele não podia acreditar que alguém do seu próprio sangue estava escrevendo esse tipo de coisa.” (BBC, 2018).

Em 1973, durante o golpe militar chileno, descrito pela autora em uma entrevista à BBC, teve a necessidade de refugiar-se na Venezuela com sua família devido à derrubada do então presidente da república chilena, Salvador Allende, seu tio paterno. A oposição ao governo ditador de Augusto Pinochet fez com que toda a família sofresse repreensão e fosse obrigada a refugiar-se. Devido a ser um dos poucos países democráticos remanescentes da América Latina na época, a família Allende escolheu instalar-se na em Venezuela, especificamente em Caracas.

Lá deu seguimento às suas produções literárias, que descreve, ainda em sua entrevista, como refúgio e superação para os sentimentos ruins criados pela expatriação. Sendo a escritora de língua espanhola mais lida na atualidade, seus 26 títulos foram traduzidos para diversos idiomas e adaptados para cinema, ópera, teatro, ballet, rádio e musicais.

É conhecida por fazer parte da escola do Realismo Mágico, segundo Simão (2021), movimento esse que mescla o real e o imaginário, trazendo situações reais ao mesmo tempo que as disfarça fantasiosamente. Dessa forma se fez possível driblar a censura predominante

na época. Buscando independência das influências europeias, de forma que retratasse de fato a realidade vivida na América Latina, uma ditadura, o Realismo Mágico, apesar de adotado por artistas de todo o globo, se destaca naqueles de legado colonial ou imperialista.

Na terceira onda do realismo mágico, García Márquez se destacou, tendo sua importantíssima obra, *Cien años de Soledad*, consolidada como principal referência do Realismo Mágico. Isabel Allende chega com a voz feminina, em uma escola com destaque, até então, masculino:

partindo de uma visão histórica e política do empoderamento feminino o qual trouxe a possibilidade de mostrar o seu real papel perante a sociedade (...) A partir disso, a escrita de autoria feminina se torna essencial para o processo de liberdade de expressão das mulheres. O objetivo da análise literária feminina costuma mostrar a história de um ponto de vista diferente do discurso falocêntrico, apresentando uma nova identidade para a cultura tradicional da América Latina. (Soares, 2022, n.p).

Após ser questionada sobre sua escrita ainda em espanhol, Isabel Allende afirma que a ficção é sentida no estômago e não no cérebro. Sendo assim, não conseguiria passar as emoções desejadas em obras de alcance mundial – com traduções para mais de quarenta línguas, entre elas o búlgaro, hebraico ou polonês – por intermédio de dicionários.

Dentre seus 26 títulos, o primeiro publicado foi *A Casa dos Espíritos*, em 1982, que era a princípio uma carta a seu avô materno doente, Agustín Lloná Cuevas. Essa, buscando dizer o quanto lembrava de tudo o que tinha ouvido dele e que tinha conseguido guardar todas suas histórias. Em 1985 a obra ganhou sua primeira tradução ao inglês, e mais tarde uma adaptação ao cinema protagonizada por Winona Ryder, Vanessa Redgrave, Meryl Streep, Glenn Close, Jeremy Irons e Antonio Banderas, com direção de Bille August. O filme estreou em outubro de 1993 na cidade de Munique, mesmo ano em que outro título seu, *El Plan Infinito*, ganhava tradução para o inglês.

Outras obras também ganharam versões intersemióticas, para cinema e em formato de série. Por exemplo, *De amor y sombra*, história vivenciada no período ditatorial do Chile que conta o amor entre uma jornalista já comprometida e um fotógrafo, e, indiretamente, sem citações, mostra opiniões contrárias e a favor da privação de liberdade da época. O romance foi adaptado em 1994 por Betty Kaplan para o cinema e alcançou cerca de 1 milhão em faturamento bruto.

Já *Inés del alma mía* se passa na independência do Chile e conta a história de Inês, costureira que busca pelo marido na América e, depois, pela razão de sua morte. Nessa caçada, acaba se apaixonando por um Mestre de Campo e embarca na aventura e no desejo de

liberdade, tanto para o país como para si mesma. A obra foi adaptada à televisão norte-americana em 2020 pela Prime Video, indicada ao *Iris Awards* em 2020 e ganhou o *Luchon International Film Festival* em 2021.

Como descrito em seu web site<sup>1</sup>, Isabel Allende coleciona mais de 60 prêmios em cerca de 15 países. Prêmios como “*Mulheres*” *Premio a la Mejor Novela Extranjera*, Portugal (1987) e *Premi Internacional de Novel·la Històrica Barcino*, Espanha (2019), fazem parte dessa extensa lista. Em 1998 ganhou o Prêmio *Dorothy and Lillian Gish*, que é um prêmio anual das artes oferecido a mulheres e homens que contribuíram para uma visão melhor do mundo, entretenimento da humanidade e compreensão da vida. Em 2014 recebeu, do então presidente Barack Obama, a Medalha da Liberdade, que é o reconhecimento civil mais importante dos Estados Unidos.

Sendo a mulher mais aclamada da literatura em espanhol, fala sobre como enxerga sua responsabilidade de escrever da melhor forma possível, sem dar ideias a psicopatas e afins. criando amor nos leitores e não cursando mais terrores psicológicos. “Sei muito sobre tortura, estupro. Teho (*sic*) uma fundação, vejo os casos. Eu conto os casos, mas não dou detalhes, porque não quero dar ideias a ninguém. Mas quando falo de amor, sexo, coisas que acho que as pessoas deveriam conhecer e aproveitar, sou mais explícita” (Allende, BBC, 2018, n.p).

Homenageando sua filha mais velha, Paula, que morreu aos 28 anos por uma doença hereditária (a porfiria, que é um grupo de doenças causadas por um acúmulo excessivo de porfirina, que ajuda a hemoglobina, proteína que transporta oxigênio no sangue), criou uma ONG em prol de meninas e mulheres, propondo-se a dedicar parte de seu tempo em busca de proteção e empoderamento a elas. Como ativista e feminista, essa organização sem fins lucrativos dedica-se a lutar em causas políticas latino-americanas e sobre os direitos das mulheres: reprodutivos, econômicos e contra a violência. E, segundo sua biografia, desde 1996 vem cumprindo seu propósito, com sedes no Chile e Califórnia, e ainda contribui com outras organizações com propósitos semelhantes. Dessa forma, vem conseguindo ajudar milhares de mulheres no mundo.

Paula, sua primogênita, também ganhou um livro em sua homenagem, o qual leva seu nome e tem como enredo sua família. Esse volume constitui o primeiro livro não ficcional da autora, escrito enquanto acompanhava a filha no leito do hospital durante o coma. Um livro de memórias traz uma autobiografia e uma biografia de seus antepassados, relatando suas angústias durante a doença da filha e, também, discorre sobre seu processo de escrita, sobre

como constrói e caracteriza cada um de seus personagens e suas inspirações na construção das histórias.

## 1.2. *Afrodita: Cuentos, recetas y otros afrodisiacos*

*Afrodita*, obra publicada em 1997 pela editora Sudamericana, é identificada como um “livro de receitas” e aparece, nas livrarias, nas prateleiras dedicadas à gastronomia. Trata-se, no entanto, de uma obra literária que atravessa várias temáticas, como o erotismo e o gastronómico, mesclando, entre outros temas, o prazer sexual com o prazer da comida. Em suas 326 páginas, Isabel Allende assume o tom narrativo para associar em contos e relatos, pessoais e de amigos, expressões artísticas e lendas folclóricas ao poder da comida sobre a sexualidade humana. Não apenas o alimento em si, mas toda a memória olfativa, gustativa e sensitiva que determinado alimento pode trazer para uma determinada pessoa, porque, de acordo com a autora: “*No puedo separar el erotismo de la comida y no veo razón para hacerlo, al contrario, pretendo seguir disfrutando de ambos mientras las fuerzas y el buen humor me alcancen.*” (Allende, 2016, p.11). Sobre a origem do volume,

Como relatado em um dos paratextos, a vontade de construção dessa obra veio por meio de sonhos eróticos que a autora tinha com comida, sendo o primeiro deles: “Una noche de enero de 1996 soñé que me lanzaba a una piscina llena de arroz con leche, donde nadaba con la gracia de una marsopa. Es mi dulce preferido —el arroz con leche, no la marsopa— tanto es así que en 1991, en un restaurante de Madrid, pedí cuatro platos de arroz con leche y luego un quinto de postre.” (Allende, 2016, p.24)

Com uma linguagem leve e divertida que a aproxima do leitor e ativa sua imaginação, a autora quebra vários tabus, como o da sexualidade explicitada, a sexualidade feminina, a relação de prazer entre a comida e o sexo, e a relação do sexo com o poder.

Para essa empreitada, Isabel contou com a contribuição da própria mãe, Panchita Llona, responsável por desenvolver algumas das receitas afrodisíacas, assim como de Robert Shekter, responsável pelos desenhos gráficos da obra. Juntos, Panchita e Robert foram os artífices de inúmeras conversas que serviriam de base para o desenvolvimento do enredo, de onde surgiam as ideias, as dúvidas e as soluções a serem desenvolvidas na construção da história. Assim como Isabel, Robert também tinha a missão de degustar e comprovar os poderes afrodisíacos contidos nas receitas (e nos pratos).

Esse trio deu vida a uma experiência literária totalmente diferente do costumeiro para a autora, e também para os seus leitores. Isabel Allende sabia que o mercado já estava saturado de livros de receitas de cozinha e sexo, “*porque aún no conozco quien cocine o haga*

*el amor con un manual.*” (Allende, 2016, p.11). No entanto, optou por seguir nessa linha, já que, segundo a autora, juntar os dois era uma ideia divertida e a humanidade há séculos vem recorrendo a substâncias e truques para o estímulo do prazer sexual e da fertilidade. “¿Por qué entonces este libro? Porque la idea de averiguar sobre afrodisíacos me parece divertida y espero que para usted también lo sea” (Allende, 2016, p.11).

Allende inicia a escrita com um lamento sobre as inúmeras dietas restritas feitas por vaidade e a privação da prática sexual, argumentando uma suposta falta de tempo ou a imposição implícita da sociedade: “*Me arrepiento de las dietas, de los platos deliciosos rechazados por vanidad, tanto como lamento las ocasiones de hacer el amor que he dejado pasar por ocuparme de tareas pendientes o por virtud puritana.*” (Allende, 2016, p.10). Com isto, a obra apresenta, já de início, um grande tabu: os padrões impostos pela sociedade e comandos religiosos implícitos, pelos quais renunciamos ao prazer próprio para atendê-los.

Além de analisar os componentes afrodisíacos na culinária, levanta questões referentes a outros diversos tabus, como sobre o erotismo em si e o controle da sexualidade feminina. Busca associar o prazer da comida ao prazer carnal, associa o pecado da luxúria com o pecado da gula, tendo esse um aspecto importante, que é o fato de o segundo ser cometido muitas vezes, em compensação à falta ou frustração com o primeiro.

O tabu sobre as relações e prazeres sexuais é um assunto que se perpetua há séculos. O cristianismo tem grande participação nesse fato, desde o princípio. A partir de seu estabelecimento, na Idade Média, vem tomando poder e determinando as diretrizes da sociedade em relação ao sexo, o qual, saindo da área da procriação, se torna uma blasfêmia e, ainda, nesse campo existem momentos e lugares específicos para o assunto vir à tona. O ato fora do objetivo de procriação, e pior ainda fora do casamento, se torna pecado e isso segue na sociedade atual, como ideal de muitos. “*En la cultura judeocristiana, que divide al individuo en cuerpo y alma, y al amor en profano y divino, todo lo referente a la sexualidad, excepto la reproducción, es abominable*” (Allende, 2016, p.14).

“*Socialmente, ser mujer poco o nada significa, al menos que su existencia la sustente la presencia de una figura masculina*” (Pacheco, 2009, p.16). A escolha por parte da autora de grandes personalidades femininas se realiza através de pequenas amostras de algumas que se sobressaem na história, mas que mesmo assim ainda ficam por trás de uma figura masculina, ou apenas do uso da sexualidade. Cleópatra, Josefina Bonaparte, Sherazade, Afrodite, essa última é quem nomeia o livro, e a própria Isabel Allende são exemplos de poder. Mulheres

que, com inteligência, persuasão e a própria sexualidade, conseguiram vencer os diversos obstáculos, conquistando poder, e que, apesar de muitas vezes fazer uso de técnicas popularmente aprovadas para a figura masculina, foram criticadas e julgadas.

No entanto, em casos de má conduta por parte da figura masculina, nós mulheres ficamos facilmente com todo o crédito. Como no conto de Cesônia, a imperatriz de Roma que segundo historiadores foi responsável pela loucura e os crimes de seu marido depois de fazer que bebesse seu sangue menstrual: *“Se sospecha que un brebaje semejante dio a beber Cesonia a Calígula para obtener su amor, causándole aquella locura frenética y arrogante que tantos crímenes le hizo cometer, pero esta explicación es típica de los historiadores, quienes siempre encuentran la manera de culpar a la mujer.”* (Allende, 2016, p. 95)

Para Santos (2016, p.22), *“Allende intenta traer a través de este libro una cuestión bastante ‘polémica’ en relación a la sexualidad femenina, para la que desde tiempos remotos se pregona la discreción de las mujeres”* O papel descrito como da boa mulher na história é sempre o de puro e casto, mas Isabel Allende entrega outras versões com seu olhar feminino e feminista. Não só ao homem interessa o prazer e, como Nohemy Pacheco (2009, p. 38) evidencia, ao longo da humanidade a mulher tem se encarregado de diversos artifícios culinários para atrair seu amado. Assim, é possível detectar a busca de ampliar e desenvolver técnicas e métodos, tendo sua independência sexual e autoconhecimento.

A relação entre a comida e o prazer está nos sentidos; não apenas no paladar, mas no olfato, na visão, na audição, no paladar, no toque, pois cada um deles tem sua forma de sedução. A tentativa de atração de um parceiro ou de ampliar o prazer com o alimento já é estimulante antes da prova final, pelo cheiro que exala, a disposição no prato que encanta. Tudo isso é capaz de despertar memórias, sendo possível o recorde e uma nova estimulação, apenas pelo prato servido naquele momento.

Isabel Allende afirma que os alimentos afrodisíacos são uma ponte entre a gula e a luxúria. E que, em um mundo ideal, qualquer alimento natural, saudável, fresco, bonito e saboroso é afrodisíaco, mas que *“la realidad es bastante más enrevesada. En la búsqueda incansable de fortalecer al frágil miembro masculino y curar la indiferencia de las mujeres distraídas se llega al extremo de tragar polvo de cucarachas.”* (Allende, 2016, p. 29).

### **1.3. Isabel Allende, Afrodite, luxúria e gula: erotismo e(m) feminino**



“As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano”. (Beauvoir, 2008, p.7). Trata-se de uma reação ao patriarcado, que, segundo Bruna Silva (2019, p.16), é uma forma de poder enraizada e estruturada em que os homens possuem todo o poder político, social e moral sobre as mulheres, subordinando suas formas de expressão a eles. O patriarcado ainda é bastante forte na atualidade, quando a batalha por direitos e liberdade continua bem ativa para uma grande parcela de mulheres. Contudo, ainda existe uma outra parte que concorda e apoia os discursos misóginos e não apoia a equidade de seu próprio gênero.

Como todas as artes, a literatura é uma das muitas formas de luta e onde essa grande parcela da população pode se expressar e reconhecer. Dezenas de mulheres criaram e ainda criam sua própria forma de se expressar e conseguem dar voz a outras milhares que são apagadas e silenciadas todos os dias, através de suas escritas. Uma das maiores batalhas é o conhecimento do seu corpo, da sua sexualidade e sensualidade, e a liberdade nesses campos. Acredita-se muito ainda que o papel da mulher é apenas a procriação e servidão ao lar. Muitas se privam do conhecimento ao seu próprio corpo e prazer, e ainda é considerada promíscua quem sai da regra e age como o “homem”. A descoberta do corpo é uma forma de liberdade e a literatura que explora esse tema tem um papel incentivador, sobretudo quando escrita de mulheres para mulheres.

Isabel Allende costuma escrever a partir de seu ponto de vista, seus conhecimentos de mundo, trazendo suas vivências sobre a ditadura, o classismo, o patriarcado e todos os outros tipos de temas ou preconceitos já vividos ou presenciados nos seus escritos e construção de personagens.

Las feministas americanas y europeas, que leí en mi juventud, me dieron un lenguaje articulado para expresar la rabia que sentía contra el patriarcado en que vivimos. Empecé a trabajar en Paula, una revista feminista chilena, afilando mis ideas y mi pluma para desafiar el sistema machista. Fue el mejor momento de mi vida. (Allende, 2023, n.p).

Buscando, segundo Cristina Soares (2022, p. 11), recontar a história de mulheres através de sua escrita, suas personagens são construídas com personalidades fortes, são empoderadas e com grandes marcas feministas, tendo conhecimento de diversas vertentes, inclusive no campo político. E, apesar de incluir personagens masculinos com narrativas patriarcais e quase sempre machistas, as personagens femininas divergem deles e se destacam, fazendo seu empoderamento dominar os acontecimentos.

Quebrando o tabu da linguagem erótica, expressando-se de maneira leve e cômica, em *Afrodita* a presença do feminino e do feminismo vem marcada sutilmente nos contos e opiniões em notas inseridas no texto.

Descubrí la fantasía y el erotismo en *Las Mil y Una Noches*, que leí en el Líbano a los catorce años. En ese momento y en ese lugar, las niñas no tenían vida social al margen de la escuela y la familia, ni siquiera íbamos al cine. Mi único escape de una vida familiar problemática era la lectura. Mi padrastró tenía cuatro misteriosos volúmenes empastados en cuero en su armario que mantenía cerrado con llave, libros prohibidos, que yo no debía mirar porque eran “eróticos”. Por supuesto, encontré la forma de hacer una copia de la llave y entrar en el armario cuando él no estaba. Me alumbraba con una linterna, no podía marcar las páginas y leía rápidamente, saltando páginas en busca de las partes cochinas, con las hormonas alborotadas y la imaginación enloquecida por esos cuentos fantásticos. Cuando algún crítico me ha llamado la Sheherazade Latinoamérica me siento muy halagada. (Allende, 2022, n.p).

Ainda rompendo as barreiras do patriarcado, o texto de *Afrodita* oferece visões de como está fincado na sociedade e é reproduzido comumente, incluindo por outras mulheres. Nessa mesma linha, Soares considera que “as mulheres, dentro do sistema patriarcal, cumprem uma função: são educadas para o casamento e têm como o seu principal dever cuidar dos afazeres domésticos, marido e filhos.” (Soares, 2022, p. 3). Nesse sentido, cozinhar sempre foi historicamente uma função feminina, tendo em vista que, desde a pré-história, a função principal do homem era a caça e as da mulher, o plantio e o cozimento. Nos dias atuais, existem, pelo menos, duas versões para justificar a presença ou não presença do homem na cozinha: a de que a cozinha não é lugar de homem – “*en general los machos de nuestro continente consideran toda actividad doméstica como un peligro para su siempre amenazada virilidad*” (Allende, 2016, p.41) – e a de que é muito *sexy* ver um homem de avental cozinhando.

Em *Afrodita*, a versão escolhida foi a *sexy*: a magia acontece quando conseguimos visualizar uma figura masculina nessa função, ao assegurar que está fazendo e preparando uma boa refeição.

Las mujeres nos impresionamos con los hombres entendidos en comida, cosa que no ocurre al revés. Un hombre que cocina es *sexy*, la mujer no, tal vez porque recuerda demasiado el arquetipo doméstico. El contraste y la sorpresa son eróticos: una muchacha vestida de pandillero y acaballada sobre una motocicleta puede resultar excitante, en cambio un hombre en la misma situación es solo un macho ridículo. Yo jamás admito que sé cocinar, es fatal. (Allende, 2016, p.41).

A força feminina também está marcada na inteligência usada pelas personagens. Em *Afrodita*, além de receitas culinárias, podemos apreciar os contos, onde é possível observar

que, ao saber agir e usar da sua feminilidade, as personagens e personalidades conseguiram sobreviver ou obter vantagens para si, como no caso da grande monarca Catalina Rusia:

Una de las más notables monarcas de todos los tiempos fue Catalina Rusia (1729-1796). Esta princesa alemana casada muy joven con el duque Pedro, heredero del trono de Rusia, hombre feo, glotón, cobarde, violento y bastante imbécil –encontró la forma de enviudar joven con la ayuda de cinco apuestos oficiales del ejército, los hermanos Orloff. Convertida en emperatriz de Rusia reinó por medio siglo con puño de hierro. Hablaba cuatro idiomas, apoyaba a los artistas e intelectuales de Europa, con varios de los cuales intercambiaba copiosa correspondencia, pero no toleraba en su propio reino ninguna de las ideas modernas que aplaudía afuera. Tuvo muchos amantes oficiales. (Allende, 2016, p.156)

Já em *Afrodita* a figura da mulher também aparece como o retrato de uma mulher real, mãe, dona de casa, trabalhadora, sem esquecer sua essência de mulher, com pequenos ou grandes feitos, com suas questões e desejos, e onde é possível visualizá-la por completo. Nessa linha, Pacheco (2009) garante que:

El papel de la mujer en “Afrodita” es como un péndulo que va de las mujeres de la familia de la narradora, que es la misma autora, a las mujeres de la historia que han contribuido a la narración con ilustraciones de pequeños 36 hechos de sus vidas. Constituyéndose así la obra, en un testimonio con un tinte autobiográfico que relaciona las experiencias de la narradora como mujer, con el sabor de la comida, sus ingredientes y su preparación. (Pacheco, 2009, p. 35)

#### 1.4. Recepção de Afrodite

Conforme comentado antes, a obra teve grande sucesso mundial e foi traduzida a diversos idiomas, cerca de 40 línguas, entre elas o português. No Brasil, a tradução ficou sob a responsabilidade de Cláudia Schilling, graduada na Universidade da República do Uruguai. Responsável pela tradução de mais de 60 livros para diversas editoras, como Paz e Terra, Ed. Ática, Ed. Brasiliense, Companhia das Letras, L&PM, Global Editora, Ed. Abril, Nova Cultural, Editora da UNESP, Ed. Siciliano, Ed. ArtMed, Objetiva, Fundação Seade, Memorial da América Latina e outras, tem como principais áreas de trabalho as ciências humanas (sociologia, filosofia, política, história, psicologia), a área sindical, direito e esportes, e faz traduções nos pares Português/Espanhol, Espanhol/Português, Francês/Português/Espanhol e Inglês/Português/Espanhol. Schilling traduziu livros como: *O Jovem Lennon* de Jordy Sierra, *1789: O surgimento da revolução francesa* de Georges Lefebvre e *Lições de Sociologia: Física dos Costumes e do Direito* de Emile Durkheim. Porém, de Allende, *Afrodita* foi sua única tradução.

As traduções das outras obras ficaram a cargo de diversos profissionais. A maioria de publicação da editora Bertrand Brasil, assim como *Afrodita*. Mário Pontes, escritor, jornalista

e tradutor, foi responsável por cinco das publicações de volumes de Allende pela editora, entre elas *Filhas da Fortuna* e *Cidade das Feras*. *A Casa dos Espíritos*, que também foi publicada pelas editoras Delfin, Record e Círculo do livro, teve sua tradução por Carlos Martins Pereira, também tradutor de *Eva Luna*. A Círculo do Livro, junto a Bestbolso, também fizeram suas edições de *Paula*, livro dedicado à filha de Isabel, que foi traduzido por Irene Moutinho – tradutora, escritora e pesquisadora responsável pela edição de *Correspondência de Machado de Assis* – e Elena Gaidano, tradutora responsável por uma vasta lista de obras, dentre elas *Os mortos retornam*, do italiano Ernesto Bozzano. Ivone Benedetti, escritora, professora universitária em Tradução, especialista na tradução de poesias medievais francesas, tradutora de diversas obras, tem sido responsável pelas traduções das obras de Isabel Allende desde 2019 pela Bertrand.

A obra foi bem recebida pelo público e pelos críticos, incluída na seção de gastronomia na maioria das vezes, como no diário Folha de São Paulo<sup>1</sup> em 13 de fevereiro de 1998 (na seção de gastronomia), com crítica assinada por Nina Horta. Formada em filosofia da educação, Horta foi sócia de um buffet famoso em São Paulo, e é autora e tradutora de obras culinárias. É de sua autoria *O Frango Ensopado da Minha Mãe*, obra que conquistou o prêmio Jabuti gastronômico, em 2009.

À primeira vista, e apenas pelo título, Nina se desencanta com Afrodite, que considera “mais do mesmo”, isto é, mais um livro culinário sobre afrodisíacos com desculpas para vender livros de cozinha com tom antiquado de sacanagem.

O que Isabel Allende define como afrodisíaco? Qualquer substância ou atividade que aguce o desejo amoroso. Os afrodisíacos seriam a ponte entre a gula e a luxúria. Num mundo perfeito qualquer alimento natural, sadio e fresco, atraente à vista, saboroso, é afrodisíaco, e o único afrodisíaco realmente infalível é o amor. (Horta, 1998, n.p).

No entanto, ao ler o parágrafo sobre o que é afrodisíaco para Allende, a animação chega e percebe seu erro, já que:

Não era um texto sobre pó de barata com suco de mandrágora. Uma grande e boa surpresa. O que Isabel Allende fez foi uma viagem sensual, acordando cada sentido emperrado para a vida. Erotismo e comida se misturam, como sempre, interligados. São contos e crônicas com muito humor e graça erudita. Um pouco pesquisa, um pouco autobiografia, você lê de uma vez só, e guarda pedaços na memória para reler. As receitas são quase todas de Panchita, sua mãe. (Horta, 1998, n.p).

No mesmo jornal, um ano mais tarde, em 16 de janeiro de 1999<sup>2</sup>, a jornalista e ganhadora do Troféu Imprensa 2023, Cynara Menezes, faz um breve e atrasado texto sobre o

<sup>1</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq13029846.htm>

<sup>2</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq16019928.htm>

lançamento do livro, classificando-o como um tratado afrodisíaco, tirando-o da seção gastronômica e trazendo-o para a literatura estrangeira. À época, Menezes define a obra como “todo luxúria” e a descreve como bem elaborada e bem-humorada.

Mais do que escrever para amantes jovens, recém-iniciados, que já possuem "o único afrodisíaco verdadeiramente infalível" (a paixão), Allende quer demonstrar o poder que as pequenas surpresas e agrados cotidianos têm na difícil tarefa de renovar o ardor amoroso. (Menezes, 1999, n.p).

Essa mesma linha elogiosa foi se estendendo pelos diversos e variados meios de comunicação ao longo do Brasil: revistas, jornais, blogs, entre outros. No blog *Entre Sabores*<sup>3</sup>, sua autora, a jornalista e apaixonada por gastronomia, Érika Soares, considera que *Afrodite* é uma leitura “agradável, bem-humorada, rende risadas, arregala de olhos, suspiros e ativa a imaginação, pois alia dois temas prazerosos: gastronomia e sexo” (Soares, 2013). Idêntica opinião é apresentada por Luciana Hazin, no blog *Na mesa com Lu Hazin*<sup>4</sup>, ao afirmar que, na leitura de *Afrodite*, “há um pouco de história, de cultura geral (incluindo definições de alimentos do mundo inteiro e formas de alimentação em países exóticos), de dicas para receitas diversas e muito senso de humor. Ela realmente sabe escrever e cativar o leitor.” (Hanzin, s/d, n.p).

Em sua maioria, a obra teve uma boa aceitação do público, tanto gastronômico quanto literário, Isabel Allende em si tem uma grande recepção com suas obras, normalmente bem aceitas ao serem traduzidas no Brasil. *Afrodite* foge um pouco ao seu tipo de tema de escrita. Isso gerou surpresa aos seus leitores e mais ainda ao público gastronômico, ao não se tratar apenas de um livro de receitas bem recepcionado pela maioria dos leitores, causando admiração e excitação, devido a toda a pesquisa e forma de escrita que envolve a obra.

---

<sup>3</sup> <https://entresabores.com.br/tag/afrodite/>

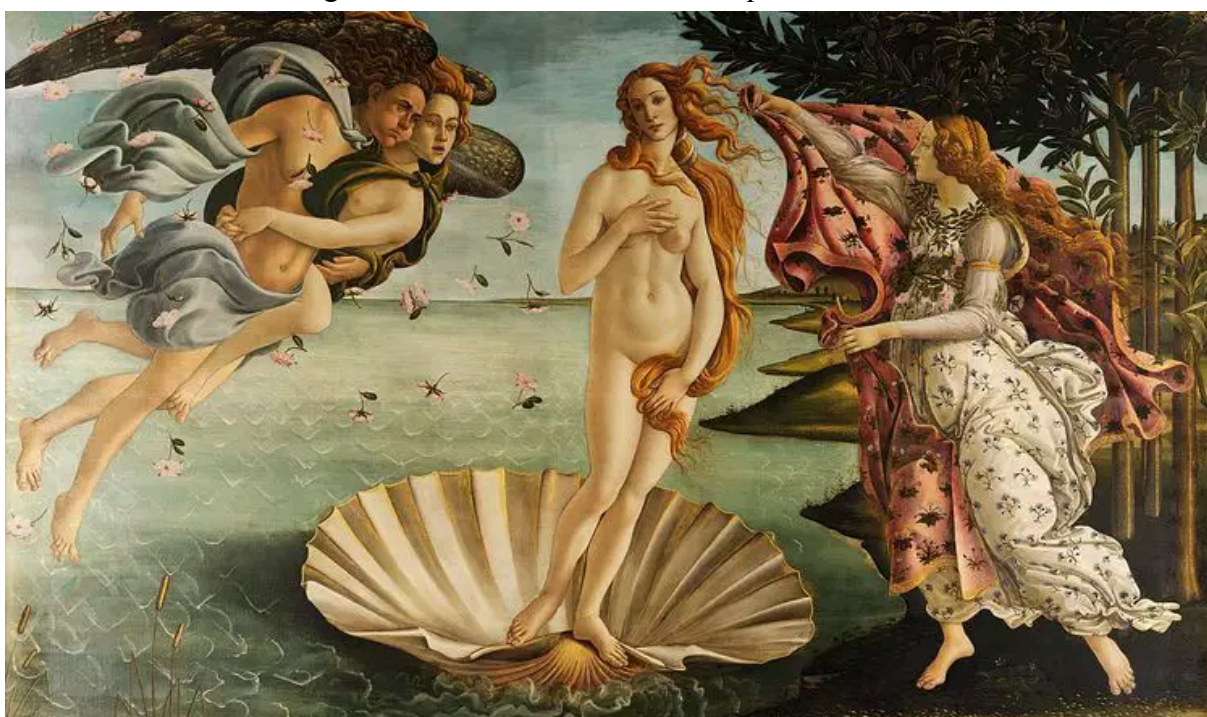
<sup>4</sup> <https://namesacomluhazin.com/dicas-literarias/>

## CAPÍTULO 2: O EROTISMO ANIMAL EM AFRODITA

### 2.1. Afrodite, uma deusa

Afrodite (Silva, [200-?]) é a deusa do amor, da beleza, da fertilidade e do desejo. Conhecida pela forte relação com a sexualidade humana, e por muitos mitos que se iniciam desde o seu nascimento, do qual existe uma variedade de interpretações e versões que mudam de acordo com o povo que o conta, diversas cidades gregas reivindicam seu nascimento e sua história, buscando sempre uma forte ligação de seu povo com a deusa.

Figura 1 - Nascimento de Afrodite por Botticelli



Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/deusa-afrodite>

Os poetas responsáveis pelos conhecimentos hoje mais divulgados são Homero e Hesíodo, conforme Silva [200-?]. E divergem entre si na sua origem. O primeiro afirma que o nascimento de Afrodite vem da união celestial entre Zeus e Dione (deusa das ninfas); já Hesíodo afirma, como descrito na literatura de Ménard (1991), que o nascimento de Afrodite acontece a partir de um parricídio, quando a Terra, aborrecida com o Céu, instiga os filhos contra o pai, e assim Cronos (deus do tempo e filho da Terra com o Céu), armado com uma foice, corta o pênis do Pai e o joga ao mar. O sangue caído na terra gera as Fúrias, as Erínias na mitologia grega, e o sêmen ejaculado no mar forma espumas que dão vida a Afrodite. Assim como descreve Santana (2019, p. 9) em sua tese, temos a criação de um ser na

separação do Céu e da Terra, do masculino do feminino, e a partir de então é criada a necessidade da conquista para que seja necessária a realização do amor.

Santana (2019), citando *O banquete* de Platão, descreve as duas versões como corretas, já que se trata de duas deusas distintas coexistindo:

o Banquete de Platão, obra em que se tem explicitado que há duas versões do mito. Assim sendo, temos “uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e ela que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e Dione, chamamo-la de Pandemia, a Popular. (Platão, 2016 *apud* Santana, 2019, p.6).

Não se sabe ao certo se era a coexistência de deusas distintas ou apenas uma deusa com múltiplas personalidades, pois:

É explicitado que o amor não possui uma única faceta, assim, não poderia e não havia a possibilidade de que ele fosse apenas representado por apenas uma deusa de uma única face. Afrodite representaria, portanto, uma deusa de múltiplas faces para atuar em todos os campos do amor. (Santana, 2019, p. 6)

Assim, ela é representada de várias formas. Diversos artistas buscaram demonstrar sua própria interpretação da deusa. Botticelli dá sua versão na obra *La nascita di Venere*, que traz uma representação da ingenuidade do nascimento e, ao mesmo tempo, da sexualidade na representação de sua forma desnuda em uma concha sobre o mar.

Acredita-se na forte ligação de Afrodite com o Mar devido à representação do nascimento pelo parricídio. E esse traço está explicitado no próprio nome da deusa, *-afro*, do grego *aphros*, que quer dizer espuma, e *-dite*, cujo significado Santana não confirma, mas que acredita remeter ao local de nascimento, a ilha de Chipre, localizada no lado oriental do continente europeu.

Esta ligação é uma referência ao nascimento da deusa na versão hesiódica que, assim como outras divindades, possuem na etimologia de seu nome um esclarecimento mítico acerca de sua personalidade. No entanto, no caso de Afrodite temos apenas um traço desta ligação, onde a primeira parte –afro nos remete a espuma (seja ela apenas a espuma do mar, ou a mistura do esperma de Urano com a espuma do mar). Para a segunda –dite não foi possível estabelecer, na bibliografia pesquisada, uma possível origem, além da especulação de que poderia ter relação com uma suposta origem oriental de Afrodite que se atribui ao fato da geografia da ilha de Chipre se aproximar do lado mais oriental do continente, assim como outros indícios que remetem ao Oriente. (Santana, 2019, p.10)

Afrodite Pandemos tem como face o amor físico, é retratada como vulgar e vingativa, e representa a personalidade da deusa que prioriza os prazeres carnavais. Na obra *Odisseia*, é narrado seu caso extraconjugal com Ares, que, mesmo representando o prazer carnal, traz no ar uma paixão que era considerada proibida e mundana:

Ares, ao ver que já Hefesto, o ferreiro famoso, saíra. Cheio de ardor, para unir-se à Citereia de bela coroa, logo procura a morada de Hefesto, o notável ferreiro. Ela chegara de pouco da casa do pai, o fortíssimo Cronida, e sentada se achava, quando Ares entrou no quarto. Com gracioso meneio lhe toma da mão e lhe fala: “Vamos, querida, ao prazer infável do leito entregar-nos. Não se acha em casa o ferreiro; a estas horas se encontra a caminho do povo Síntio de língua travada, que em Lemno demora.” Isso falou. De bom grado resolve subir para o leito, onde ambos, logo, se foram deitar (Santana, 2019, p.12).

Conforme Costa (2020), ela teria tido diversos amantes em função de seus desejos e usava o sexo para alcançar seus objetivos. Tinha deuses e mortais como seguidores de seus encantos e teria atribuído esses poderes a todas nós, as mulheres, algumas com mais força do que a outras, como no caso de Eva, responsável por induzir Adão a comer a maçã, e de Dalila, que teria usado de sua beleza e arte de sedução para enfraquecer Sansão.

Em *Afrodita*, Isabel Allende traz ao livro a versão mais sensual e de prazer carnal do mito, com vivências de acordo com seus próprios princípios e considerações, aproveitando todos os prazeres oferecidos e desconsiderando os julgamentos alheios.

A deusa se tornou um símbolo de sexualidade e prazer tão forte e consagrado, que de seu nome derivou o termo “afrodisíaco”, referido a tudo aquilo que dá prazer, tudo aquilo que tem o poder, em teoria, de potencializar a disposição sexual. Segundo Pasquarelli (2004), citada por Albuquerque (2004, p. 24), “os afrodisíacos são agentes químicos ou odores que estimulam o desejo sexual ou elevam a potência masculina.”

La palabra afrodisíaco viene de Afrodita, la diosa griega del amor, nacida del mar. Después que Cronos castró a su padre y lanzó los genitales al agua, una forma algo rebuscada de fertilización, pero en ese caso funcionó bien y la hermosa Afrodita fue procreada en la espuma de las olas. En la célebre pintura de Botticelli, *El nacimiento de Venus*, la diosa emerge del mar sin más vestido que su largo cabello, de pie sobre una concha de ostión o venera. (Allende, 2016, pág. 143).

Conforme Flávia Santos (2016), o termo surgiu pelas festas em homenagem à deusa que eram conhecidas pelo nome "afrodisíacas", realizadas por sacerdotisas-prostitutas e com práticas sexuais como ritos de adoração. Costa (2020) afirma, ainda, que o ato sexual com as prostitutas era a forma usada como ritual de aproximação da deusa. Como Allende (p.11) diz, as pesquisas sobre os afrodisíacos têm uma grande demanda há séculos e os alimentos são uma grande parte dela. Os seres humanos estão sempre em busca de estímulos para melhorar o desempenho sexual, mesmo que os tratem como tabu.

Em *Afrodita*, afrodisíaco é definido como “cualquier sustancia o actividad que aguijonea el deseo amoroso.” (Allende, 2013, p.26). Algumas dessas substâncias que elevam



e estimulam o desejo são encontradas em diversos alimentos e, além disso, existem os estímulos dos sentidos e psicológicos.

A analogia em sua maioria é a atração principal, estimula primariamente a visão. Um pepino ou uma berinjela, por exemplo, trazem o formato anatômico masculino e criam desejos em muitas mulheres e homens. A associação também garante o interesse, se se pensar na forma, influenciando o imaginário. A raridade do alimento é, igualmente, um fator apontado: a baixa oferta causa excitação no consumo.

Consideram que algumas comidas foram glorificadas como afrodisíacos por serem raras ou misteriosas. Muitos povos antigos acreditavam na “lei da similaridade”, o que os faziam crer que objetos semelhantes aos órgãos genitais teriam efeitos sexuais. A similaridade do formato do chifre do rinoceronte com o pênis é o que lhe deu a reputação mundial de aumentar o desejo por sexo, uma vez que o próprio formato, induzia sobremaneira, facilitando a autossugestão. (Albuquerque, p.30, 2004).

Os afrodisíacos também funcionam por sugestão, ao associar as partes sexuais ou vitais dos animais e/ou seres humanos (como na antropofagia) à aquisição de sua força, conforme explica Allende:

Era preciso muito pouco para excitar essa boa gente. Alguns afrodisíacos funcionam por analogia, como as ostras em forma de vulva ou o aspargo, de falo; outros por associação, porque nos recordam algo erótico; também por sugestão, porque acreditamos que, ao comer o órgão vital de outro animal – em alguns casos, de outro ser humano, como sucede os antropófagos – adquirimos sua força. Em geral, qualquer coisa com nome francês parece afrodisíaca. (Allende, 1998, p.26).

No patriarcado há uma verdadeira obsessão pelos afrodisíacos, sempre na busca pela virilidade perfeita. Essa é usada como objeto de superioridade sobre as mulheres, o que, consoante Allende (1998, p.27), começou a falhar com a supervalorização de um órgão com significado igual ou menor ao de um braço ou uma perna, cujo dono tem a moral calculada de acordo com o tamanho do que carrega. Isso explica o incessante interesse por afrodisíacos e o uso de diversos animais para aquisição de força e virilidade.

## **2.2. Alguns símbolos eróticos: os animais.**

Em sua tese, Maria Basso (2004, p.50), citando Willoughby (1996, p.89), ressalta diversos pontos de erotização dos animais ao explicar o fator da caça sobre o homem. Esse, desde a pré-história, está ligado a sensações de conquista e sedução. Em tese, na divisão do alimento conquistado com a companheira, o homem também estaria dividindo a emoção da caçada. Basso (2004, p.48) cita, ainda, a chef Mari Hirata (2004), que trabalha com culinária brasileira no Japão, a qual fala sobre a cultura milenar do poder dos animais como alimento e

o consumo de determinada parte para determinado problema de saúde, como no caso da impotência sexual, que fazem necessário o consumo do órgão sexual do tigre para os mais abastados e do boi, para os mais humildes.

Um molusco que mexe com a imaginação pelo formato, apesar da aparência não apetitosa, é o escargot. Com fama de ter o formato de clitóris, mesmo que Allende se recuse a validar essa afirmativa, é um dos animais que se acredita mexer com a imaginação e criar desejo em seus apreciadores.

No sé por qué son tan apreciados, vivos tienen un aspecto repugnante y cocinados saben a ajo y tierra. La fama de eróticos les viene porque semejan al clitoris, que asoma y desaparece de entres los pringles femeninos, pero esa metáfora me resulta ofensiva. Yo no tengo nada que parezca un caracol en mi cuerpo y creo que la mayor parte de mis amigas, tampoco. (Allende, 2016, p.126).

Outro ângulo de erotização dos animais é a literatura, em que muitas lendas folclóricas carregam essa marca. Propagando conhecimento de forma oral entre seus povos, fornecem explicações plausíveis, e até certo ponto aceitáveis, para elementos que não têm explicação, como acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais. As lendas e mitos, como citam Borges Junior, Gonçalves e Ceccarelli (2021), geralmente são criadas pelos humanos para tentar explicar algo inexplicável e as de cunho mais erótico comumente descrevem a moralidade regional, usualmente para inibir ou justificar relações extraconjugais ou indevidas.

Já na lenda da mula sem cabeça, uma mulher tem, como consequência por ser amante de um homem santo (padre) ou por ter uma relação incestuosa, a transformação em uma mula de cujo pescoço, devido à ausência da cabeça, só tem chamas que saem sem parar. Essa mulher recebe, por ceder ao pecado da luxúria, a pena de assombrar, sentir dor e inquietação, não ter mais controle de seu corpo, não causar mais atração e, também, ter, no lugar da cabeça, o fogo do inferno (Costa, 2017, p.5). Há diversas versões sobre suas manifestações. Alguns afirmam que teria acontecido na lua cheia, outros na última sexta-feira do mês. Durante a mutação, ela atacaria quem encontrasse no caminho, mordendo e arrancando dedos e dentes da vítima. Diante dessa forma de ataque, a explicação para a falta de cabeça e a presença da boca para tal ato, conforme Costa (2017, p.6), é a linguagem metafórica, pois a falta de cabeça seria interpretada como o fato de se deixar levar pelos impulsos e desejos, apresentando as mulheres como passionais e impetuosas.

As histórias da cabeça-sem-corpo sobre o masculino/feminino, a voracidade e o excesso são iluminações sobre o céu e a terra, as alturas e o mundo em que vivemos, a vida e a morte. Em geral, a cabeça decapitada, grudenta, parece ser de mulher (...). Eis aí quase que historinhas morais para ditar o comportamento esperado ou

proibido nas mulheres. Buscar o prazer sexual sem ser com o marido; pior que isso, até sem os homens (...) livrando-se das exigências sociais, de trabalho e de conduta que a sexualidade e o afeto ditos normais impõem ( Mindlin, 1996 *apud* Costa, 2017 p.8).

No papel erótico, o animal cativa o humano em busca de prazer ou apenas procriação. A Cobra Boiúna<sup>5</sup> é a responsável pelas águas do rio Tocantins, ao ter se encantado pela jovem originária que se banhava todos os dias no rio. A cobra a engravidou e teve, com ela, dois filhos. Posteriormente, a mãe, assustada com as crianças-cobra, as teria jogado no rio. A menina teria crescido revoltada e se tornou violenta, responsável pelas destruições na natureza; o menino, mais calmo e apaziguador, teria levado a vida consertando os estragos da irmã. Ele tinha vontade de viver na terra com a família que tinha conquistado ao se transformar em homem, mas para isso precisava quebrar o encantamento de virar cobra pelas noites. Consumido pela vontade de liberdade e paz, matou a irmã.

em certa tribo indígena da Amazônia, uma índia, grávida de Boiúna (Cobra-grande, Sucuri), deu à luz duas crianças-cobras gêmeas: um menino, que recebeu o nome de Honorato (ou Nonato) e uma menina chamada Maria. Para ficar livre dos filhos, a mãe jogou-os no rio, onde sobreviveram como cobras gigantes. Honorato não fazia mal a ninguém, mas sua irmã era muito perversa e causava sérios prejuízos aos outros animais e às pessoas. Eram tantas as maldades praticadas por ela que Honorato acabou por matá-la. (UFMG, s/d<sup>6</sup>)

A Sereia Iara vem carregada de sexualidade, atraindo pescadores para o fundo do mar, sem finalidade certa. Alguns contos relatam que eles servem de comida para a sereia; outros, que apenas ficam presos no fundo do mar; e outros, que até voltam à superfície, mas que nunca mais são os mesmos de antes do encanto.

Metade mulher, metade peixe é conhecida por ser sensual e atraente, geralmente de olhos verdes é extremamente deslumbrante. Tem um belíssimo canto que magnetiza, se tornando a melhor das iscas. Qualquer homem que ela decida encantar será seduzido e, mesmo que tente resistir, a recusa aos seus encantos os fará se sentir menos viris e, no fim, acabar cedendo. Iara entra no coração dos homens, assim eles sempre a procurarão e cairão em seus encantos.

*Iara* representa a dificuldade de nossos antepassados para lidar com o sexo em geral e com a beleza e os encantos femininos em particular. A mulher era concebida como fonte do pecado e quanto mais bela, mais tentadora. A tentação, no caso, equivale ao descontrole, elas detêm o poder sobre o momento em que os homens deixam de ser senhores de sua vontade, podem enlouquecê-los e possuí-los... (Corso, 2005, n/p).

<sup>5</sup>[https://www.ufmg.br/cienciaparatos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatos/e5\\_30-alendaamazonicadeboiuna.pdf](https://www.ufmg.br/cienciaparatos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatos/e5_30-alendaamazonicadeboiuna.pdf)  
<sup>6</sup>[https://www.ufmg.br/cienciaparatos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatos/e5\\_30-alendaamazonicadeboiuna.pdf](https://www.ufmg.br/cienciaparatos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatos/e5_30-alendaamazonicadeboiuna.pdf)

Consoante Corso, a Iara é a melhor representação de uma cilada, onde a sedução é tão irrecusável quanto mortífera, o caçador vira caça e perde todo o poder sobre suas vontades. O motivo para a construção desse personagem é, hipoteticamente, o poder que o homem tem na sociedade, enquanto as mulheres:

carentes do poder formal, [...] durante séculos de opressão masculina, desenvolveram formas ardilosas e caseiras de poder. Dentro do ambiente fechado e doméstico, onde um homem é atraído pela força de seus encantos, ele não passa de um joguete de seus desejos e intenções, mais tonto do que o pobre Macbeth, o falso rei do castelo. (Corso, 2005, n/p).

### 2.2.1. Os animais como símbolos eróticos em *Afrodita*

Em *Afrodita* os animais são usados como fonte de prazer na alimentação e, também, nos contos. O livro está regado a crenças populares de como certos animais ou partes deles fazem bem à libido e, ainda, de receitas e combinações que potencializam esse poder. Certas carnes, como as de aves selvagens exóticas, segundo cita Allende (2016, p.105), têm sua carne escura e de sabor intenso, o que causa estímulos na imaginação humana, sobretudo quando combinada a ervas e especiarias, como é o caso do “*guiso afrodisíaco de la Tía Burgel*”, uma combinação de sabores indescritível, que, consoante Allende, seria uma de dinamite no sangue.

Partes sexuais de certos animais carregam uma vasta reputação sobre sua capacidade afrodisíaca em diversas culturas. Em “Afrodisíacos Brutaes”, Allende (2016, p.99) descreve os poderes conhecidos na Grécia dos testículos dos asnos, que, além de serem consumidos como alimento, eram também usados como amuletos. Outra parte de animais que também carrega a fama é o fígado, o qual, no mundo antigo, era indicado como o centro vital de força do ser vivo. Hoje acredita-se ser o coração, e assim, usado como energizante e estimulante. Servindo não apenas como alimento em si, mas como objeto sexual, Allende (2016, p.125) apresenta como exemplo a obra *Portnoy's Complaint*, de Philip Roth (escritor judeu norte-americano, classificado como o maior contador de histórias do século XX e questionado pela obsessão por sexo e a fama de misógino<sup>7</sup>). Nela, o protagonista conta, em suas sessões de análise, sua vida sexual e seus complexos, e que, em uma de suas muitas práticas, recorrera ao uso da parte do boi como objeto de estímulo e masturbação. “Em um romance de Philip Roth, *O complexo de Portnoy*, o jovem protagonista masturba-se com fígado cru que sua mãe

<sup>7</sup><https://brasil.elpais.com/estilo/2021-03-24/philip-roth-elogiado-escritor-e-questionado-pela-obsessao-por-sexo-e-a-fama-de-misogino.html>

reservou para o jantar; mas não é preciso chegar a esses extremos, existem outras maneiras de temperá-lo”. (Allende, 1998, p.125).

### **2.2.1.1. O erotismo dos animais aquáticos em *Afrodita***

Em *Afrodita* também é possível notar não apenas a erotização como alimento, pois alguns animais carregam uma carga de erotização no seu ser. Onças, tigres, asnos, touros e alguns outros carregam a imagem de personalidade forte, predadora, poderosa, alimentando as crenças acerca de sua virilidade. Os animais aquáticos, marinhos e de água doce, trazem em seu ser os mistérios das águas, com todas as mitologias que os envolvem e o encanto do desconhecido.

Os animais podem vir a ser erotizados de N maneiras. A ostra é um dos exemplos das diversas interpretações sobre esses poderes. Como alimentos, fonte de degustação, elas carregam uma reputação secular. Ricas em zinco e taurina, elementos presentes na testosterona, o molusco é famoso pela crença de contribuir para o aumento da libido. Também erotizada pelo formato, esse ficou conhecido pela aparência de uma vulva. Segundo *O Globo* (2022), foi a fonte do poder de sedução de Giacomo Casanova, italiano sedutor e viciado em mulheres que teria se relacionado sexualmente com centenas de parceiras e muitas ao mesmo tempo, e tido auxílio das ostras para tal façanha. Ele comia 12 no café da manhã e 12 no almoço, potencializando seu desempenho e, como descrito em *Afrodita* (Allende, 2016, p.13), também as usava como alimento para suas amantes: ele as chupava primeiro e, em seguida, as colocava na boca das mulheres.

Animais aquáticos, sobretudo marítimos, são reconhecidos por seus poderes afrodisíacos, já que são carregados de vitaminas, minerais e proteínas, e trazem sabores e cheiros inconfundíveis. Alguns possuem defesas próprias, letais aos consumidores mesmo depois de mortos, como no caso do baiacu, que, se não bem preparado, pode causar a morte por seu consumo. É suposto que essa perigosidade no consumo aumente a sensação de adrenalina e seja essa a causa da excitação. Outro ponto de euforia vêm a ser os mistérios do fundo das águas: o desconhecido costuma acender a imaginação.

Pelo poder de atração, no Brasil é de conhecimento quase que geral a lenda do boto cor-de-rosa. “O animal transforma-se, ao cair da noite, num belo rapaz, garanhão, alto, branco, forte, grande dançarino e bebedor, que aparece para seduzir as mulheres, solteiras ou

não. Porém, antes de a madrugada chegar, ele pula na água e volta a ser boto novamente” ( Britto, 2007, p. 18 *apud* Silva, 2009 p. 89).

Figura 2 - Lenda do boto cor-de-rosa



Fonte: <https://pin.it/6xXUwel>

Citando Britto (2007), em sua dissertação, Lorena da Silva (2009, p. 89) descreve o mito como o mais erótico e enraizado na cultura amazônica, onde, ao se transformar em homem ao anoitecer, o boto seduz e engravida mulheres, independentemente de solteiras ou casadas. Vestido de branco e com chapéu na cabeça, esse último para esconder a abertura pela qual respira, único ponto de identificação em sua forma humana, o boto sai da água ao anoitecer e tem por hábito percorrer festas e bares buscando moças para divertir-se. Em diversas versões da lenda, há a prevenção para as moças e seus familiares sobre os perigos de mulheres em seu período menstrual se aproximarem do rio, já que o boto não só conquista em festas, mas também, ao sentir o odor feminino de longe, é atraído a seduzi-las, levando-as ao fundo das águas como por encanto, onde tem relações sexuais com elas e, por fim, as abandonam grávidas. “A menina, naquela semana, tinha ficado moça. E moça incomodada nem por sonho deve se pôr em canoa sobre o rio, porque o boto sente o cheiro de longe. Boto

e moça donzela são coisas que não podem se esbarrar”. (Savary, 2006, p. 44 *apud* Silva, 2009, p. 95).

Todavia, nem sempre o boto esteve relacionado a uma figura masculina. Há autores que registram a transformação do boto (ou seria da bota?) em uma figura feminina. As primeiras menções à lenda do boto acontecem por volta do século XVIII. O estudioso e naturalista inglês Henry Walter Bates, responsável pela catalogação de diversos novos animais conhecidos em sua estadia de mais de uma década na fauna e flora amazônica, falava sobre a presença sobrenatural do boto, que se transformava em uma linda mulher e seduzia pescadores e os levava para as águas.

O boto, consoante Cascudo (1954, p.184), é o animal com mais versões de fábula. Com origem baseada nas crendices ribeirinhas, os colonos teriam tomado conhecimento e associado a figura às fábulas europeias. Luiza Souto (2020) também fala sobre o fato de o boto ser uma animal encantador e inteligente, e esse seria o motivo da caçada ao animal. “E foi a partir desses adjetivos dados aos cetáceos que surgiram tradições como usar algumas partes do corpo do boto como solução para vários males. Assim, o olho já virou talismã; a carne, ‘cura’ da lepra, e vários outros pedaços transformaram-se em ‘patuás’”. (Souto, 2020, p.3).

Há diversas narrativas sobre a origem da lenda, os motivos pelos quais surgiu e as necessidades de justificar desse modo moças solteiras grávidas. É difícil precisar quando, como e onde surgiu, como descreve Luiza Souto (2020), citando o historiador Henrique. É constatado:

não ser possível localizar a origem cronológica do mito do boto. O que pode ser feito, ele diz, é localizar no tempo o surgimento do folclore, da folclorização dos mitos indígenas: isso começou a ocorrer a partir da segunda metade do século 19. (Souto, 2020).

A lenda está tão entranhada na cultura ribeirinha que é inadmissível questionar a legitimidade da paternidade de certas crianças da região. As afirmações de que uma criança seja fruto de uma relação com o boto desviam uma possível imprudência da mãe ou fuga de um possível pai, e colocam a responsabilidade sobre o animal. Ainda citando Britto (2007), Lorena Silva, retrata esse comportamento social em função da lenda: “se dessa relação nascer uma criança, a moral que regula o costume local se altera em relação ao fato: ‘a mãe, ao invés de ser condenada por conceber um filho fora do casamento, passa a ser aceita como vítima de

algo sobrenatural, tido então como moralmente aceito” (Silva, 2009 p.91 *apud* Britto 2007, p. 18).

Para Luiza Souto (2020), a lenda em seu princípio, nos relatos mais antigos, não tem referência ao estupro. É difícil precisar o motivo dessa associação. Na época da colonização, foi muito usada como justificativa para o nascimento de crianças brancas em famílias ribeirinhas. A onda de domínio branco sobre os corpos femininos ribeirinhos e negros ficou marcada por uma miscigenação de base violenta e a cor do boto, cor de rosa, poderia ser um bom disfarce para a violência na época, explicando quase perfeitamente a cor da criança ao nascer.

Existem localidades em que se usa esse tipo de narrativa para esconder a violência de gênero", diz Gilzete. "Ela serviu, por exemplo, para se explicar a origem de crianças de pele clara, nas invasões europeias, uma vez que o boto tem a coloração rosada. Mas restringir a lenda apenas a uma questão relacionada a violência de gênero não é oportuno. (Souto, 2020, n/p).

E talvez isso prossiga até nos tempos atuais, quando se acredita servir de justificativa para esconder violências sexuais, em suma, ainda da colonialidade, em que estrangeiros que ainda exploram as terras amazônicas, ou até mesmo os homens locais, como seringueiros e pescadores, continuam o ciclo violento de domínio e inferiorização dos corpos femininos negros e ribeirinhos. Contudo, também é mencionado como disfarce da violação por pessoas mais próximas, que deveriam proteger a mulher, como tios, primos, padrastos e até mesmo os pais.

Alguns homens, por sua posição de poder dentro da hierarquia familiar, abusam das mulheres de sua própria família, maiormente impunemente. Ou seja, há casos em que se fala de um forâneo, entretanto esse nunca foi visto na comunidade, haja vista o isolamento de algumas destas. É uma narrativa que camufla o abuso, no caso familiar, beneficiando o abusador. E também é um discurso “defensivo”, que “protege” a vítima de uma violência quiçá maior. Dizer que a criança da qual não se conhece a paternidade é filho do boto, é uma forma metafórica de dizer que não se deve insistir nesse assunto, que há coisas que não se quer ou não devem ser ditas. Essas mulheres são obrigadas a calar. (Góes, 2018, p.73-4)

E, como explica Góes (2018), a lenda é usada como refúgio das explicações que poderiam pôr essas mulheres em situação de ainda maior perigo, já que a delação da identidade paterna do suposto “filho do boto” poderia levar o principal meio de sustento para o cárcere ou, ainda, matá-las. O poder hierárquico ou aquisitivo do abusador é um bom incentivo para calar a possível vítima.

O folclore do boto cor-de-rosa é baseado em crenças populares, com mistura de realidade e imaginário. Também traz muitas referências aos deuses, como a transmutação de



um ser em outro para a conquista, tal como Zeus costumava fazer para obter sucesso em suas aventuras. Associada à imagem de Afrodite em diversas manifestações desde seu nascimento, tem uma seção destacada no museu de Nápoles que liga a deusa em sua versão romana, Vênus, ao golfinho, destacando toda a sexualidade que os liga pela luxúria. Segundo Cascudo (1954 p.144), historiador folclorista brasileiro, desde os gregos os botos já estão ligados à sexualidade, principalmente na representação de sua forma. Associa-se o formato da cabeça do peixe ao movimento não só do navio, de sobe e desce no mar, mas também com a glândula do homem, ao afirmar que seus movimentos na água são semelhantes aos movimentos sexuais.

O delfim consagrando a Vênus, deusa marinha na evocação primitiva de Afrodite, era, na Grécia e Roma, amigo de rapazes novos e não de predileção feminina. Inseparável de Afrodite, aparece nos mosaicos de frescos de Pompeia, Capua, Basilicata, guardados nas seções reservadas do Musée de Nápoles. César Famin ensina (*Cabinet secret du musée de Naples*, Paris 1832): “consagrava-se (o delfim) a Afrodite porque os movimentos do animal, muito parecido com um navio, que ao impulso das ondas, se eleva e desce, tem semelhança notável com os que acompanham o ato sexual” (nota à prancha XXXIV). (Cascudo, 1954. p.144)

Por fim, as ligações vão muito além da representação na sexualidade. Na obra de Cascudo (1954), temos a versão da bota (como já foi mencionada anteriormente), na qual ocorreria a transformação do boto em uma mulher que perseguiria pescadores e seringueiros em busca de amor e os levaria para o fundo mar. Depois do sexo, voltaria todas as noites. E com o ato sexual, em vez de gravidez, por razões óbvias, os homens contrairiam a doença uiara (doença do boto), que causa fortes crises nervosas, sensação de sufocamento, náuseas, convulsões e angústia. Algumas versões, que trazem a mitologia grega como referência, falam sobre essa mulher ser Afrodite e, em razão disso, o golfinho teria sido considerado como mensageiro do mar.

### CAPÍTULO 3: AFRODITA: O EROTISMO DOS ANIMAIS AQUÁTICOS E(M) TRADUÇÃO

Em *Afrodita*, Isabel Allende registra uma vasta variedade de animais aquáticos, seja como alimento, rituais mágicos ou na literatura. Citando o bispo Burchard de Worms, sacerdote do século XI responsável pela criação de leis canônicas que compõem a coletânea *Decretum Burchard*. Especificamente *De poenitentia decretorum*, um dos seis livros da coletânea, traz uma simpatia erótica que “naturalmente, levava as pecadoras direto para os caldeirões do inferno” (Allende, 1998, p. 135), onde a mulher, ao desejar um homem, para conquistá-lo teria que servir um peixe cozido que anteriormente teria sido introduzido vivo em suas partes íntimas e ter ficado lá até morrer.

No conto *El pez frío* (Allende, 1998, p.136), traduzido como “O peixe frio”, depois de sofrer com um amante rigoroso e germofóbico, que só fazia sexo com luvas, uma jovem, nas margens de cursos ou reservatórios de água, tem seus lamentos ouvidos por uma carpa, que sobe à superfície e toca, primeiro, seus dedos, depois suas mãos, seus pulsos e a puxa para dentro da água, fazendo-a flutuar até que, por fim, a carpa chega perto das suas partes íntimas, soprando, acariciando e beijando-a, enchendo-a de prazer. Eis o exemplo do texto traduzido:

O peixe frio, de Lady Onogoro, escrito no Japão no início do século XI. Hanako, uma jovem bela, ainda que um pouco tola, tinha um amante escrupuloso e muito higiênico, que gostava de fazer amor com luvas. Antes de tocá-la, o homem controlava pessoalmente seu banho e exigia que ela se esfregasse com pedra-pomes dos pés à cabeça, depilasse até o último pelo e ensaboasse todas as dobras e orifícios que havia em seu corpo esbelto, tudo isso sem uma palavra de afeto ou de apreço pelos seus encantos. Pois bem, no jardim de Hanako havia um laguinho, onde vivia uma carpa enorme e venerável. Apesar dos seus quarenta anos de existência, o velho peixe não tinha nenhuma das manias do metucioso namorado de Hanako; pelo contrário, era forte como um atleta e cheio de consideração, como devem ser os bons amantes. Não é de se estranhar, portanto, que ela preferisse sua companhia. A jovem costumava sentar-se à beira da água, chamá-lo pelo nome e ele subia até a superfície para brincar com ela. Uma noite, depois de receber as higiênicas carícias do homem com luvas, saiu para o jardim e se jogou à beira do lago para chorar. Atraído pelos soluços, o gigante saiu do fundo e, aproximando-se da mão lânguida que mal tocava a água, chupou um por um os dedos da moça com seus fortes lábios. Hanako sentiu sua pele se eriçar e uma sensualidade desconhecida começou a percorrê-la inteira, penetrando nela até a própria essência de seu ser. Deixou cair um pé na água e o peixe também beijou cada dedo com a mesma dedicação, e depois a outra mão e o outro pé; em seguida ela colocou as pernas no laguinho e a carpa esfregou as escamas de prata do seu ventre contra a pele da moça. Hanako compreendeu o convite e deixou-se cair no barro do lago, aberta e branca como uma flor de lótus, enquanto o atrevido peixe rondava em torno dela acariciando-a e beijando-a e obrigando-a a abrir as pernas e a entregar-se às suas carícias. O peixe assoprava jatos de água em suas partes mais sensíveis e assim, pouco a pouco, foi ganhando terreno e conduzindo-a pelas rotas do prazer mais sublime, um prazer que Hanako nunca

tivera nos braços de homem algum e menos, naturalmente, do amante enluvado. Mais tarde ambos repousaram flutuando contentes no barro do laguinho sob a luz das estrelas. (Allende, 1998, p. 136)

O mencionado conto, reproduzido em *Lady Onogoro* nos lembra vagamente uma lenda muito conhecida no Brasil: a lenda do boto. Tratando-se de dois animais aquáticos que buscam proporcionar prazer às suas companheiras, um – o boto – transformando-se em homem e encantando as mulheres com sua beleza; e o outro – o peixe frio – em sua forma natural, encantando ao acolher uma mulher que foi inferiorizada.

A seguir, analisaremos uma seleção de fragmentos que destacam a sexualidade e sensualidade feminina, e sua relação com os animais (eróticos) que aparecem em *Afrodita*, assim como em sua tradução ao português do Brasil, *Afrodite*.

### 3.1 O feminismo em *Afrodita* e *Afrodite*

A sociedade sempre esteve preocupada com a sexualidade masculina, dando bem menos importância à sexualidade da mulher. Cuidados como a pílula para combater a impotência sexual, clínicas de ejaculação precoce e bombas penianas existem há décadas, todas ligadas ao homem e ao seu prazer sexual. A passos lentos, soluções para ressaltar ou intensificar o prazer feminino, além da fecundação, têm se intensificado nas últimas décadas, mas ainda de forma bem tênue.

*Afrodita* foi dedicada a “mulheres melancólicas”. Escrita por Isabel Allende no auge de seus 50 anos, traz à tona os prazeres e desprazeres<sup>8</sup> da idade para as mulheres. “*Los cincuenta años son como la última hora de la tarde, cuando el sol se ha puesto y uno se inclina naturalmente hacia la reflexión*”. (Allende, 2016 p.9). Sendo a época da vida da mulher conhecida pelo fim da vida sexual, a obra *Afrodita* chega para reacender o sexo e o prazer por meio da literatura e do ensinamento de métodos naturais, assim trazendo outra expectativa ao envelhecimento natural e ao prazer.

Desde la lactancia hasta la muerte, la comida y el sexo tienen la misma garra. En la madurez, cuando digerir y hacer el amor se convierten en tareas, la mente se aleja a regañadientes de la mesa y de la cama; pero hay algunos seres capaces de llegar hasta el último día de una larga y fructífera existencia con el mismo apetito por los placeres terrenales de la juventud. (Allende, 2016, p. 208)

<sup>8</sup> “duas características da menopausa, que vem a ser a parada da menstruação e da fecundidade, foram tecidos discursos de perdas da saúde física e mental, da feminilidade, da beleza e juventude, e da própria capacidade das mulheres se relacionarem afetiva e sexualmente a partir dessa fase”. (Covolán, 2005, n.p)

Ao longo da obra, a autora deixa transparecer suas opiniões acerca de toda a dominância masculinas sobre o prazer sexual, já que ela não ignora que o conteúdo erótico esteve maioritariamente destinado ao público masculino: revistas, sites, remédios, bordeis, entre outros. Tudo foi pensado para potencializar o prazer masculino, excluindo o prazer da vida feminina, onde só importava a fecundidade – muitas vezes, omitindo o direito delas ao prazer e ao erotismo –, como veremos nos exemplos a seguir:

Tabela 1 - O pênis e a “superioridade” masculina

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|--|---|
| Desde que los hombres tuvieron la curiosa idea de basar en ese órgano de su anatomía su superioridad sobre las mujeres, comenzaron a tener problemas. Le atribuyen poderes desproporcionados; en realidad es más bien insignificante comparado con un brazo o una pierna. (p.27) | Desde que os homens tiveram a curiosa ideia de basear sua superioridade sobre as mulheres nesse órgão de sua anatomia, eles começaram a ter problemas. A ele são atribuídos poderes desproporcionais, quando na verdade é bastante insignificante, se comparado com um braço ou uma perna. (p.27) |

Para a autora, o órgão sexual masculino concede um poder de superioridade ao homem. Se não funcionar adequadamente, é logo considerado menos “homem”. O pênis, como Isabel Allende retrata, eleva a condição social do homem dentro da sociedade patriarcal, garantindo-lhes direitos a mais.

Tabela 2 - Atividades domésticas

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)  | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)   |
|---|--|
| Muy pocas mujeres latinoamericanas han tenido una experiencia semejante, porque en general los machos de nuestro continente consideran toda actividad doméstica como un peligro para su siempre amenazada virilidad. (p.41) | Muito poucas mulheres latino-americanas passaram por uma experiência semelhante, porque em geral os machos do nosso continente consideram toda atividade doméstica um perigo para a sua sempre ameaçada virilidade. (p.41) |

As atividades domésticas têm sido de obrigação feminina há séculos, na mentalidade da sociedade que ainda segue o modelo familiar do patriarcado, seja com a mulher como responsável de realização das tarefas ou apenas como sua gerenciadora em caso de famílias mais abastadas. Nesses fragmentos em destaque, Isabel Allende retrata o quanto a mudança de cenário pode ser excitante. Para mulheres acostumadas a realizar a tarefa de preparar as refeições para a família, a inversão de papéis causa um encantamento e, com alguns ajustes, surge a sensualidade.

Tabela 3 - Cozinhar e o ponto G

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|--|---|
| Suponemos que, si pueden recordar cuántos minutos en la sartén suporta una rana, con mayor razón podrán recordar cuánto de <b>cosquilleo</b> exige nuestro punto G. (p.44) | Supomos que, se são capazes de lembrar quantos minutos uma rã tem de ficar na frigideira, com maior razão poderão recordar quantas <b>cócegas</b> exige o nosso ponto G. (p.44) |

Também surge no imaginário, que um homem capaz de se dedicar a aprender a arte gastronômica, aprender tempos de cocção e pontos das carnes, e de se dispor a realizar uma tarefa historicamente feminina, é também capaz de saber como dar prazer a uma mulher. No fragmento da tabela 3, a autora fala sobre essa suposição, ao associar o tempo de cocção de uma rã com saber o tempo necessário para um orgasmo. Na tradução, foi de escolha da tradutora uma tradução mais literal, associando cócegas à estimulação, mesmo que não seja uma palavra usual no campo semântico do erotismo no Brasil.

Tabela 4 - Harém

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)   |
|--|--|
| ¿Qué hombre no ha tenido la fantasía de poseer un harén? ¿Y mujer con dos dedos de frente no lo considera su peor pesadilla? Digo esto desde la perspectiva de mi edad madura, porque a los dieciocho años, cuando trabajaba copiando estadísticas forestales, solía soñar con ser la cuarta esposa de un árabe millonario que apreciara mi trasero y me permitiera pasar la vida comiendo chocolates y leyendo novelas. El feminismo me salvó de las trampas de la imaginación. (p.148) | Que homem não teve a fantasia de possuir um harém? E que mulher com um pouco de inteligência não o considera seu pior pesadelo? Digo isto da perspectiva da minha idade madura, porque aos dezoito anos, quando trabalhava copiando estatísticas florestais, costumava sonhar que era a quarta esposa de um árabe milionário que apreciava meu traseiro e que me permitia passar a vida comendo chocolates e lendo romances. O feminismo me salvou das armadilhas da imaginação. (p.148) |

O sonho de ter um harém<sup>9</sup> já passou, com certeza, pela cabeça de muitos homens, com uma variedade de mulheres com obrigações de satisfazê-lo no quarto e/ou na cozinha. Muitas mulheres também já desejaram alguma vez na vida servir a um homem nesse contexto, com o pensamento de receber muitas joias e ter que cumprir seus deveres matrimoniais apenas uma vez em semanas ou até em meses. Na obra, a autora destaca o quanto o feminismo lhe ensinou sobre o imaginário de fazer parte de um harém. Pertencente a uma cultura totalmente patriarcal, o harém requer a submissão feminina total; é um local que tem a ver com os dois sexos, mas em que só um deles tem os direitos de ir e vir preservados. Referenciando Fatema

<sup>9</sup>Grupo constituído por esposas, concubinas, parentes femininas e criadas que habitam o harém.

Mernissi, Priscila Freitas traz, em artigo de 2022, uma citação do livro “sonhos de transgressão”, que traduz a vida em um harém.

Um harém tinha a ver com homens e mulheres – este era um fato. Também tinha a ver com uma casa, muros e ruas – outro fato. Tudo muito simples e fácil de visualizar: é só levantar quatro muros dentro do traçado das ruas, e tem-se uma casa: põem-se as mulheres na casa e deixam-se os homens saírem. Mas o que aconteceria, aventurei-me a perguntar a Samir, se puséssemos os homens na casa e deixássemos as mulheres saírem? (Mernissi., p. 59 *apud* Freitas, 2022).

Agora analisando um pouco a tradução ao português em si, nota-se que há o corte no sentido de desejo, no trecho “sonhar que era” do fragmento em questão, a autora fala sobre o desejo, a vontade, o sonho de fazer parte de um harém “ solía soñar **con ser** la cuarta esposa” e a tradução para “costumava sonhar **que era** a quarta esposa” passa a sensação literal, do sonhar ao dormir.

### 3.2 Animais

*Afrodita* é rico em animais terrestres e aves, que são capazes de apimentar a vida sexual, usados como alimento ou no imaginário, e carregados como amuletos. Os rituais para conservação da virilidade são muito ricos em diversas culturas. Dentes de leão e chifres de rinocerontes são alguns dos elementos usados como potencializador sexual.

Tabela 5 - O carpaccio

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)   |
|--|--|
| Los italianos sostienen que la carne cruda es erótica y suelen servirla cortada en torreja; muy finas, casi transparentes con un nombre pintoresco: carpaccio. La idea de la carne cruda es muy antigua, sólo que antes no se conocían sus propiedades eróticas. Las hordas tártaras que invadieron Europa en tiempos del Imperio romano ya la preparaban: ponían los trozos entre el caballo y la montura y galopaban el día entero, hasta reducir la carne a una pulpa negra de machucones y salada de sudor. Eso dio origen a lo que hoy llamamos tártaro (carne cruda molida sabiamente aliñada y con una yema cruda encima), que se presta presentar los platos en formas traviesas, así como para otros juegos sensuales. (p. 123-4) | Os italianos afirmam que a carne crua é erótica e costumam servi-la cortada em fatias muito finas, quase transparentes, com um nome pitoresco: carpaccio. A ideia da carne crua é muito antiga, só que antes suas propriedades eróticas não eram conhecidas. As hordas tártaras que invadiram a Europa na época do Império Romano já a preparavam: colocavam os pedaços entre o cavalo e os arreios e galopavam o dia inteiro, até reduzir a carne a uma polpa preta toda amassada e salgada de suor. Isso deu origem ao que hoje chamamos de tártaro (carne crua moída, sabiamente temperada, e com uma gema crua por cima) que se presta para compor formas travessas nos pratos, assim como outros jogos sensuais. (p. 123-4) |

A forma de preparo e os ingredientes usados também contam para o efeito afrodisíaco desejado. No fragmento, o alimento entra em contato com as áreas erógenas, o que causa a

antecipação da excitação e o aumento da libido. Os fluidos corporais também são acrescentados ao tempero, trazendo um sabor único a cada preparo.

Tabela 6 - A força das genitálias

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)  | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|---|---|
| La vulva de oveja y las ubres de vaca son excitantes infalibles, segun testimonio de Mesalina y otras mujeres de dudosa virtud, pero por solidaridad feminista omitiremos las recetas. Los testículos de ciertos animales, generalmente los que gozan fama de apasionados, tienen la misma reputación en varias culturas. (p. 99) | A vulva de ovelha e os úberes de vaca são excitantes infalíveis, conforme o testemunho de Messalina e de outras mulheres de virtude duvidosa, mas por solidariedade feminina vamos omitir as receitas. Os testículos de certos animais, geralmente os que gozam de fama de apaixonados, têm a mesma reputação em várias culturas. (p. 99) |

Acredita-se que cada parte do animal carrega sua força e poder, e amuletos são criados a partir dessa teoria. Como exhibe o fragmento, a ingestão de certos órgãos também contribui para a aquisição de força ao humano. Segundo Basso (2004), nos países orientais, acredita-se que o consumo dos órgãos sexuais de um animal concede ao seu consumidor a virilidade e o aumento ou melhora do desempenho sexual. Para cada órgão animal, é consumida a cura do órgão humano.

### 3.3 Animais aquáticos

*Afrodita* também traz uma variedade de opções, como mencionado anteriormente, sobre os animais aquáticos. Costumam ser os mais afrodisíacos, ainda mais, os marinhos, devido aos componentes da água do mar, como: o zinco<sup>10</sup>, mineral importante para a produção de testosterona e, também, a taurina<sup>11</sup>, um aminoácido encontrado em outras proteínas, mas com maior concentração nos frutos do mar, importante para a manutenção do sistema nervoso central e da fecundidade. Mas tanto o mar como os rios e lagoas trazem os mistérios do fundo das águas e a mente humana deseja e explora toda essa incompreensão fantasiosamente.

Tabela 7 - *Fugu*

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)  | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|---|---|
| <i>Fugu</i> es tal vez el pez más controvertido. [...] contiene un veneno poderoso para el cual no hay antídoto, aun en cantidad mínima paraliza de inmediato el corazón más bravo y vacía los pulmones | <i>Fugu</i> é talvez o peixe mais controverso. [...] Contém um veneno poderoso para o qual não existe antídoto, mesmo em quantidade mínima paralisa imediatamente o coração mais bravo e esvazia os |

<sup>10</sup><https://www.upmen.com.br/blog/alimentos-afrodisiacos-aumentam-potencia-masculina/>

<sup>11</sup><https://www.fmrp.usp.br/pb/arquivos/12573#:~:text=A%20taurina%20%C3%A9%20um%20nutriente,da%20vis%C3%A3o%20e%20da%20fertilidade>

|  |  |
|--|--|
| del menor soplo, causando la muerte. Los cocineros especializados en este pez saben limpiarlo dejando apenas suficiente ponzoña para inducir algunos de los síntomas y producir excitación erótica sin causar la muerte. (p.135-136) | pulmões do menor sopro, causando a morte. Os cozinheiros especializados neste peixe sabem limpá-lo deixando apenas o veneno suficiente para induzir alguns dos sintomas e produzir excitação erótica sem causar a morte. (p.135-136) |
|--|--|

O *fugu* é uma das designações populares para diversos peixes da ordem dos Tetraodontiformes, esse animal causa excitação erótica ao ser consumido devido ao veneno que possui em sua carne. No Brasil é conhecido como baiacu e tem seu nome associado ao perigo. Consumido como iguaria, deve ser sabiamente preparado por profissionais, devido a que o consumo em exagero do veneno levaria à morte. E é suposto que esse perigo seja a fonte de excitação. “Ao experimentar o Fugu pela primeira vez, a adrenalina no corpo aumenta. Dá nervoso saber que está comendo algo potencialmente mortal, o que acaba dando um toque especial e exótico ao peixe.” (Kovalick, 2013). Nesse fragmento, é possível notar que tanto a autora como a tradutora optaram por usar o nome em japonês, acreditamos que para preservar a origem do prato, sendo essa a cultura que mais consome esse animal.

Tabela 8 - *La bouillabaisse* ou *el caldillo de congro*

| AFRODITA (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)   |
|---|--|
| <p>La <i>bouillabaisse</i> chilena se llama <i>caldillo de congrio</i> y, con menos pretensiones y exigencias, es igualmente afrodisíaca y deliciosa.</p> <p style="text-align: center;"><i>Ya sólo es necesario<br/>dejar en el manjar<br/>caer la crema<br/>como una rosa espesa,</i></p> <p>(p. 140 - 142)</p> | <p>A <i>bouillabaisse</i> chilena chama-se <i>caldillo de congrio</i> e, com pretensões e exigências, é igualmente afrodisíaca e deliciosa.</p> <p style="text-align: center;"><i>Agora só é preciso<br/>deixar no manjar<br/>cair o creme<br/>como uma rosa espessa,</i></p> <p>(p.140 - 142)</p> |

Na obra de Allende há inúmeras receitas onde o peixe se destaca sobremaneira. Uma destas receitas é a *bouillabaisse*, um ensopado de uma variedade de peixes cortados em pedaços grandes e disformes, e que teria sido historicamente servida a Urano por Vênus – a versão romana de Afrodite –, para estimulá-lo a novas e mais ousadas façanhas amorosas. Em suas receitas, a escritora nos passa a versão chilena de Neruda, o caldinho de congro, como traduzido. O Brasil também tem sua versão, Sopa Leão Veloso, que seria uma releitura com um peixe brasileiro e frutos do mar como camarão e carne de siri, mas não é usado nem mencionado na tradução.



Tabela 9 - A rainha dos afrodisíacos

| <i>AFRODITA</i> (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|--|---|
| Las ostras son las reinas de la cocina afrodisíaca, protagonistas de cuanta cena erótica han registrado la literatura o el cine. La mejor manera de comerlas es crudas, después de echarles limón para comprobar que estén vivas, porque añejas son muy tóxicas. | As ostras são as rainhas da cozinha afrodisíaca, protagonistas de todos os jantares eróticos registrados na literatura ou no cinema. A melhor maneira de comê-las é cruas, depois de colocar limão para verificar se estão vivas, porque velhas são muito tóxicas. (p. 147) |

A ostra, como menciona Isabel Allende, é “a rainha da cozinha afrodisíaca”, efeito não cientificamente comprovado, mas com muito espaço na literatura e no cinema. Ganhou fama com personalidades diversas que se alimentavam regularmente delas a fim de extrair seus poderes, como Giacomo Casanova, citado anteriormente e a frívola Paulina Bonaparte, que mantinha escravos sexuais importados de São Domingos e consumia, no café da manhã, ostras com champagne. O poder afrodisíaco das ostras também vem do nascimento de Afrodite, nascida da espuma do mar dentro de uma ostra; tem todos os elementos marítimos associados a essa aura.

#### 3.4 E se a obra pertencesse à cultura brasileira?

No decorrer da pesquisa, uma pergunta pairou sobre nós: se essa obra pertencesse à cultura brasileira, seu título **ainda seria *Afrodita***? Nossa proposta é que não: a deusa grega, mesmo que bastante conhecida em todo o mundo, não é um símbolo de presença constante em nossa cultura. Nesse sentido, nossa proposta seria algo mais próximo, de conhecimento fácil e sugestivo para os brasileiros. O boto, um animal que seduz e dá prazer às mulheres ou, em sua versão feminina, a bota, que atrai seus parceiros pela sua beleza e sensualidade, parece-nos a opção perfeita.

Ao longo da obra, é de fácil percepção que esse ser brasileiro, tão conhecido, quase não foi mencionado. Teve poucas aparições e nenhuma menciona seu tão famoso folclore, que, apesar de ter maior fama no Brasil, também é conhecido nas outras partes da floresta amazônica dos países latino-americanos.

Tabela 10 - *Los delfines*: Golfinho ou boto?

| AFRODITA (ISABEL ALLENDE)   | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|---|---|
| Al amanecer, cuando el sol asoma tiñendo de rojo el horizonte, salen los delfines rosados a jugar, de las pocas criaturas del río que no se comen, porque la carne es amarga y la piel inútil, pero los indios todavía los matan con arpones para arrancarles los ojos y los genitales, que luego convierten en amuletos para la potencia viril y la fertilidad. (p.97) | Ao amanhecer, quando o sol aparece tingindo de vermelho o horizonte, os golfinhos rosados aparecem para brincar; são das poucas criaturas do rio que não são comidas, porque sua carne é amarga e a pele inútil, mas os índios ainda os matam com arpões para arrancar seus olhos e os genitais, que depois transformam em amuletos para a potência viril e a fertilidade. (p.97-8) |

Considerado os guias das águas, os *delfines* se mostram sensíveis e brincalhões, e são fatalmente conhecidos por suas propriedades mágicas. Sua carne é base de amuletos para diversas finalidades, incluída a área do erotismo. Na obra estudada, apesar de todas essas propriedades, são apenas citados sem muito aprofundamento e traduzidos para “golfinhos”, como são comumente chamados nas regiões sul/sudeste do Brasil, perdendo todo o encanto que a tradução para “boto”, maneira mais conhecida nas regiões norte/nordeste e centro-oeste, poderia trazer. Apesar de ser o mesmo animal, quando nos referimos a “golfinho”, enxergamos o lado mais sensível e fofo do animal; já quando usamos o “boto”, é possível resgatar toda a sexualidade que carrega em seu ser e na sua história de sedutor.

Tabela 11 - *Los delfines*, quando afrodisíacos?

| AFRODITA (ISABEL ALLENDE)  | AFRODITE (CLAUDIA SCHILLING)  |
|--|---|
| Casi todas las criaturas del agua, menos la ballena, las focas y los delfines, espléndidos mamíferos oceánicos que no merecen terminar en una sartén, son afrodisíacos (p.135) | Quase todas as criaturas aquáticas, menos a baleia, as focas e os golfinhos, esplêndidos mamíferos oceânicos que não merecem terminar em uma frigideira, são afrodisíacos (p.135) |

Nesse segundo fragmento “*los delfines*” ainda são traduzidos para golfinhos, mas o próprio contexto já os define como animal não erótico, diferente do fragmento anterior. Golfinho é a denominação para uma família de animais mamíferos aquáticos que englobam as orcas, focas, botos e outros. O que se pode observar é que a erotização do animal enquanto “golfinho” é descartada pela interpretação de guia das águas. Já na versão boto, que é suposto que se encaixe no fragmento acima, a erotização é sobre a carne, mas está ligada também ao ser e à imaginação de ser “predador”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi analisar *Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos* e sua tradução para o Brasil de maneira a entender, concretamente, o erotismo feminino, assim como sua relação com os animais (aquáticos e terrestres) enquanto seres eróticos, para, ainda, aproximá-los de elementos da cultura brasileira. Foram selecionados fragmentos que continham marcas feministas e situações de erotismo animal e, para cada elemento, foram realizadas reflexões com base em uma pesquisa em diversas áreas.

Conscientes do tabu construído sobre o erotismo feminino e suas particularidades, buscamos apresentar as singularidades da obra e sua potência enquanto gênero inovador, já que *Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos* nunca foi apenas um livro de gastronomia, por mais que sua recepção, ao menos no Brasil, estivesse principalmente centrada nas colunas gastronômicas dos jornais, revistas e blogs; assim como na mesma seção das prateleiras das livrarias. Foi possível constatar que o erotismo e a gastronomia se relacionam e se completam, e *Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos* tem a função de juntar estes dois mundos e proporcionar prazer e diversão ao leitor, tendo os dois um papel socializador.

A fim de edificar, valorizar e instigar a pesquisa sobre a literatura e a gastronomia brasileira, buscamos relacionar e associar os pratos construídos e contos narrados na obra a nossa gastronomia e folclore. Além disso, pensamos em uma versão mais abasileirada, que tenha nossas marcas culturais enquanto importante ferramenta de disseminação da obra mediante uma possível identificação do leitor com o texto.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Soraya Sousa de. **A gastronomia e o amor: os alimentos afrodisíacos**. 2004. 76 f. Monografia (Especialização em Gastronomia e Segurança Alimentar) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/565>>. Último acesso em: 8 ago. 2023.

ALLENDE, Isabel. **Afrodita: Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos**. 5ªed. Buenos Aires: Debolsillo, 2016.

ALLENDE, Isabel. **Afrodite: Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ALLENDE, Isabel. **Isabel Allende**. Disponível em: <<https://isabelallende.com/es/home>>. Último acesso em: 20 mar. 2023.

ALLENDE, Isabel: **‘Meu avô se horrorizava com o fato de alguém de seu sangue escrever sobre aborto, infidelidade, drogas’**. BBC, [S. l.], p. 1, 2 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46365649>. Acesso em: 9 dez. 2023.

ALLENDE, Isabel. **The Isabel Allende Foundation**. Disponível em: <<https://isabelallende.org/>>. Último acesso em: 20 mar. 2023.

BARNABÉ, Patrícia. **Sexo e comida, uma história de atração**. Máxima, [s.l.], 2019. Disponível em: <<https://www.maxima.pt/atual/detalhe/sexo-e-comida-uma-historia-de-atracao>>. Último acesso em: 10 dez. 2023.

BASSO, Marina Rosana. **Os alimentos afrodisíacos: crenças, mitos e verdades**. 2004. 119 f. Monografia (Especialização em Gastronomia e Segurança Alimentar) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/552>>. Último acesso em: 8 ago. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 2ªed. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 2008. Disponível em:

<https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>. Último acesso em: 10 dez. 2023.

BONACORCI, Ricardo. **Livros: Paula - As memórias de Isabel Allende para a filha doente. Bonas Histórias: Blog de literatura, cultura e entretenimento.** 2020. Disponível em: <<https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2020/10/13/livros-paula-as-memorias-de-isabel-allende-para-a-filha-doente>>. Último acesso em: 20 mar. 2023.

BORGES JUNIOR, Dorivaldo Pantoja; GONCALVES, Ricardo César; CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e mitologia na encantaria amazônica da lenda do Boto: um ensaio psicanalítico. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 55, p. 79-90, jun. 2021. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372021000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Último acesso em 8 ago. 2023.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 11.ed. revista. São Paulo: Ediouro, [1954]. Disponível em: <<http://www.cascudo.org.br/var/upload/c170c1b69ead5cc24d7433c27ba2289e71e96a698bc0731317166a695d23ce65.pdf>>. Último acesso em: 13 dez. 2023.

CORSO, Mário. **Iara: a sereia brasileira.** 10. Rio de Janeiro: Argumento, 10 ago. 2005. Disponível em: <https://www.marioedianacorso.com/iara-a-sereia-brasileira>. Último acesso em: 9 dez. 2023.

COSTA, Andriolli de Brites da. **A Mulher do Padre - Tradição e Misoginia na Adaptação Audiovisual do Mito da Mula Sem Cabeça.** 2017. 14f. Trabalho apresentado no GP de Folkcomunicação - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba-PR, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0075-1.pdf>>. Último acesso em: 8. ago. 2023.

COSTA, João José. **O poder de Afrodite.** 1ª ed, 2020 (<https://clubedeautores.com.br/livro/o-poder-de-afrodite>). Último acesso em: 8. ago. 2023.

FREITAS, P. C. P. **Os Discursos Feministas das Mulheres Muçulmanas nos Haréns de Fatima Mernissi.** Itinerários, Araraquara, n. 55, p. 201-216, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.58943/irl.v1i55.16408>>. Último acesso em: 12 dez. 2023.

GOES, Aquésia Maciel. **Boto cor-de-rosa: uma narrativa sobre gênero, raça e violência.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Foz do Iguaçu-PR, 2018. Disponível em <<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4156/disserta%C3%A7%C3%A3o>>

[%20vers%C3%A3o%20final%20UNILA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](#)>. Último acesso em: 9 dez. 2023.

HORTA, Nina. **Livros revelam a alegria de cozinhar**. Folha São Paulo, São Paulo, fev. 1998. Seção Gastronomia. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq13029846.htm>>. Último acesso em: 11 dez. 2023.

HAZIN, Luciana. **Dicas Literárias. Rio de Janeiro**. Na mesa com Lu Hanzin, jul, [s.d]. Disponível em: <<https://namesacomluhazin.com/dicas-literarias/>>. Último acesso em: 1 dez. 2023.

MÉNARD, René. **Mitologia Greco-romana**. São Paulo: Opus, 1991.

MENEZES, Cynara. **Isabel Allende faz tratado sobre afrodisíacos**. Folha São Paulo, São Paulo, jan. 1999. Seção Literatura. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq16019928.htm>>. Último acesso em: 11 dez. 2023.

PACHECO, Nohemy Cecilia Durango. **Mujer, comida y cuerpo**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Pontificia Universidad Javeriana Facultad de Ciencias Sociales. Maestría en Literatura. Bogotá D.C, 2019. Disponível em: <<https://repository.javeriana.edu.co/bitstream/handle/10554/461/tesis54%282%29.pdf?sequence=5&isAllowed=y>>. Último acesso em: 9 dez. 2023.

O GLOBO, **Mergulho no mundo afrodisíaco das ostras para o Dia dos Namorados**. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rioshow/mergulho-no-mundo-afrodisiaco-das-ostras-para-dia-dos-namorados-25055742>>. Último acesso em: 8 ago. 2023.

SANTANA, Matheus Brandão. **As faces de Afrodite: Do amor ao ódio**. 2019. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/13925>>. Último acesso em: 8 ago. 2023.

SANTOS, Fláviana de Almeida. **Afrodita de Isabel Allende: la comida asociada a la sexualidad**. 2016. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Espanhola) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016. Disponível em:

<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10108?mode=full>>. Último acesso em: 8 ago. 2023.

SCHILLING, Cláudia. **LinkedIn: Claudia Schilling**. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/claudia-schilling-41065925>>. Último acesso em: 27 mar. 2023.

SERRÃO, Raquel de Araújo. **A hora e a vez do rosa no pós-boom latino-americano: A ficcionalização da história sob a ótica feminina**. São José do Rio Preto, 5(1): 1-125, Jan.–Jun./2013.

SILVA, Daniel Neves. **Afrodite: Histórias do Mundo**. [s.l.] , [200-?]. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/grega/afrodite.htm>>. Último acesso em: 27 mar. 2023.

SILVA, Lorena Lima da. **Psicanálise e folclore amazônico: uma leitura freudiana das lendas do mapinguari, do boto e da cobra norato**. 168 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2009. Disponível em: <<https://silو. tips/download/lorena-lima-da-silva>>. Último acesso em: 8 ago. 2023.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima. **Patriarcado e teoria política feminista: possibilidades na ciência política**. 2019. 114f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31963/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruna%20Camilo%20-%20Vers%C3%A3o%20Final%20encadernada.pdf>>. Último acesso em: 12 dez. 2023.

SIMÃO, Luciano. Afinal, o que é (e o que não é) realismo mágico? **Escotilha**, [s.l], 2021. Disponível em: <<https://escotilha.com.br/literatura/afinal-o-que-e-e-o-que-nao-e-realismo-magico/>>. Último acesso em: 10 dez. 2023.

SOARES, Érika. Afrodite, de Isabel Allende, para ler, instigar e cozinhar. [s. l] **Entre Sabores**, jul, 2013. Disponível em: <<https://www.saborosaviagem.com.br/2019/05/a-cozinha-afrodisiaca-de-isabel-allende/>>. Último acesso em: 1 dez. 2023.

SOARES, Maria Cristina do Couto. **Realismo mágico, feminismo e resistência ao autoritarismo em a casa dos espíritos, de Isabel Allende**. 2022. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Letras Português-Espanhol) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. Disponível em:

<[https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/3190/1/tcc\\_art\\_mariacristinadocoutosoares.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/3190/1/tcc_art_mariacristinadocoutosoares.pdf)>. Último acesso em: 8 dez. 2023.

SOUTO, Luiza. **A culpa não é do boto**. Universa, [s.l], 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/boto-para/#cover>>. Último acesso em: 10 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **A lenda amazônica de Boiuna**. Pró-reitoria de extensão. [Belo Horizonte: UFMG], 2011. Disponível em: <[https://www.ufmg.br/cienciaparatodos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatodos/e5\\_30-alendaamazonicodeboiuna.pdf](https://www.ufmg.br/cienciaparatodos/wp-content/uploads/2012/08/leituraparatodos/e5_30-alendaamazonicodeboiuna.pdf)>. Último acesso em: 8 ago. 2023.